

Revista Adventista

AGOSTO 2017

Interpretando os escritos de

Ellen G. White.

Ano 78 - Nº 843 - €1,90



1 646188 617082

06 **LIBERTOS DA CULPA**
Liberte-se desse sentimento.

24 **O REAVIVAMENTO
E O ESPÍRITO SANTO**
A história do reavivamento de Avondale de 1939.

28 **"MOSTRA-ME DEUS!"**
Alguns argumentos para a existência
de Deus.

“DEUS TEM UMA CONTA FIEL COM TODO O SER HUMANO DO NOSSO MUNDO. E, QUANDO O DIA DE AJUSTE DE CONTAS CHEGAR, NÃO RECLAMARÁ O MORDOMO FIEL CRÉDITO ALGUM PARA SI. NÃO DIRÁ: 'O MEU TALENTO'; MAS 'O TEU TALENTO GANHOU' OUTROS TALENTOS. SABE QUE SEM QUE LHE FOSSE CONFIADO O DOM, NENHUM AUMENTO PODERIA TER HAVIDO. PENSA QUE NO DESEMPENHO FIEL DA SUA MORDOMIA NADA MAIS FEZ DO QUE O SEU DEVER. O CAPITAL ERA DO SENHOR.”

– ELLEN G. WHITE, *CONSELHOS SOBRE MORDOMIA*, P. 111.



VIVER MAIS
A ESPERANÇA

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Amorim

Diretor de Redação

Lara Figueiredo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

E-mail: revista.adventista@pservir.pt

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico

Sara Calado

Diagramação

Rita Mendes

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Artur Guimarães

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel.: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel.: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento MDI – Design e Impressão

V. N. Famalicão

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustrações da revista © Adobe Stock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



VIDA CRISTÁ

06

Libertos da culpa

É possível superar o sentimento de culpa por meio das instruções da Palavra de Deus.



TEOLOGIA

28

"Mostra-me Deus!"

Conheça alguns dos argumentos filosóficos e científicos que mostram que o Cristianismo não só é verdadeiro, como também é relevante para o nosso tempo.



BÍBLIA

33

O quarteto de Deus – Os "Quatro Animais" do Apocalipse

Descubra o significado das quatro criaturas misteriosas que rodeiam o trono de Deus.

04 INTERPRETANDO OS ESCRITOS DE ELLEN G. WHITE

EDITORIAL

05 CALENDÁRIO / BANCO DE LEITURA

18 NOTÍCIAS NACIONAIS

22 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

10 INTERPRETANDO OS ESCRITOS DE ELLEN G. WHITE > ARTIGO DE FUNDO

Quando usamos e interpretamos os escritos de Ellen G. White, devemos aplicar-lhes os mesmos princípios de interpretação que aplicamos às Escrituras. Dado que ambos são literatura inspirada, devem ser interpretados pelos mesmos princípios.

15 DEU JESUS À IGREJA A AUTORIDADE DE PERDOAR PECADOS? > INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

Mateus 16:19 tem sido um tema de debate entre os Cristãos, especialmente desde a Reforma Protestante.

24 O REAVIVAMENTO E O ESPÍRITO SANTO > EVANGELISMO

"O que significa realmente ser Cristão?", perguntou um aluno da Faculdade Missionária Austral em agosto de 1939. Este foi o primeiro passo do reavivamento de Avondale de 1939, que se espalhou por toda a Divisão do Pacífico Sul.





Interpretando os escritos de Ellen G. White

Uma citação de Ellen G. White bem conhecida por cada Adventista do S3timo Dia relaciona os escritos do Esp3rito de Profecia com a B3blia, como sendo a “luz menor” que tem como funç3o “guiar homens e mulheres à luz maior”.¹ Neste texto citado, a “luz menor” refere-se aos livros que cont3m “muita instruç3o” que o “Senhor tem dado ao Seu povo”. Esta afirmaç3o designa dois canais de revelaç3o das mesmas natureza e origem (a luz da revelaç3o de Deus), mas diferente em intensidade (“menor” e “maior”) e em funç3o (a “menor” conduz à “maior”). O objetivo deste processo divino específico manifestado no minist3rio de Ellen G. White 3 conduzir os crentes ao enquadramento da luz maior, as Sagradas Escrituras. Os destinat3rios s3o chamados a viver um relacionamento com Deus e com o pr3ximo debaixo desta Luz.

O artigo de fundo deste m3s, intitulado “Interpretando os escritos de Ellen G. White”, 3 uma reflex3o a respeito das regras de interpretaç3o dos escritos do Esp3rito de Profecia. O seu autor afirma: “Dado que n3o acreditamos em graus de inspiraç3o, temos de reconhecer que a sua inspiraç3o, mas n3o a sua autoridade, est3 ao mesmo n3vel que a inspiraç3o dos profetas do Antigo e do Novo Testamentos.” A palavra “autoridade” utilizada nesta frase chamou-me a atenç3o. Se considerarmos nos escritos de Ellen G. White uma diferença em “autoridade”, essa distinç3o n3o

pode ser vista no sentido do “direito que determina o poder para ordenar”,² porque ambas v3m da mesma autoridade divina, mas deve ser vista no sentido das suas amplitude e funç3o. Seria este o sentido da express3o “luz menor” que conduz à “luz maior”.

A compreens3o intemporal do sentido da mensagem divina revelada e escrita necessita de submeter-se a algumas regras b3sicas de interpretaç3o. Pedro, na sua II Ep3stola, no vers3culo 3:16, alerta para o facto de nos escritos de Paulo e nas Sagradas Escrituras haver “pontos dif3ceis de entender”, que s3o objeto de distorç3o por parte dos indoutos, o que conduz à sua pr3pria perdiç3o. As regras de interpretaç3o de todo o texto inspirado t3m como objetivo levar à compreens3o do sentido da mensagem divina na sua autenticidade dentro de um determinado contexto. A devida compreens3o do ensino, do princ3pio ou da diretiva assim revelados permite a sua correta aplicaç3o, de forma viva e atual, como mensagem de Deus para n3s aqui e agora. A compreens3o dos escritos de Ellen G. White necessita, da mesma forma que a B3blia, dessa disciplina de estudo e de an3lise, quer esta se chame “exegese”, “hermen3utica” ou, simplesmente, “estudo liter3rio”. Como se trata de texto inspirado, este estudo deve ser acompanhado de uma atitude de oraç3o e de humildade em busca da “iluminaç3o” do Esp3rito Santo, que est3 na origem tanto da revelaç3o como da sua compreens3o.

Pela compreens3o aut3ntica dos escritos de Ellen G. White somos convidados a dar “mais atenç3o à B3blia” como “3nica regra de f3 e de conduta” (voto batismal), “Palavra viva e eficaz”, penetrante at3 ao mais 3ntimo do ser humano (Hebreus 4:12). Como efeito de reconhecer a autoridade divina dos escritos de Ellen G. White e de viver os seus princ3pios, “haveria uma vigil3ncia mil vezes maior, um esforço abnegado e resoluto mil vezes maior. E muitos mais estariam agora alegrando-se na luz da verdade presente”. Cada Adventista 3 convidado a reavivar um interesse renovado pelo estudo deste dom precioso que o Senhor deu à Sua Igreja com o objetivo de preparar um povo para a Sua Segunda Vinda. Um povo constitu3do por homens e mulheres de todas as idades que se consagram completamente a Deus e est3o totalmente implicados no cumprimento da miss3o dada pelo nosso Salvador Jesus Cristo. ✨

Pr. Ant3nio Amorim
Presidente da UPASD.

1. “O Senhor tem dado muita instruç3o ao Seu povo: regra sobre regra, mandamento sobre mandamento, um pouco aqui, um pouco ali. Pouca atenç3o 3 dada à B3blia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior. Oh! Quanto bem poderia ser feito, se os livros que cont3m esta luz fossem lidos com a resoluç3o de se executar os princ3pios que eles cont3m! Haveria uma vigil3ncia mil vezes maior, um esforço abnegado e resoluto mil vezes maior. E muitos mais estariam agora alegrando-se na luz da verdade presente.” – Ellen G. White, *Mensageiros de Esperança*, p. 130.

2. DICIO, *Dicion3rio Online de Portugu3s*, em <https://www.dicio.com.br/autoridade/>.

CALENDÁRIO UPASD



DIAS ESPECIAIS

Agosto

01-05	Congresso Internacional de Jovens
01-09	Acampamento Nacional de Desbravadores
10-20	IMPACTO
10-20	Acampamento de Famílias
21-31	Acampamento Nacional de Companheiros e Seniores
26	Dia do Evangelismo Leigo Dia da Não Violência Doméstica

Setembro

09	Dia de Sensibilização à Não Violência
16	Dia dos Desbravadores
23	Dia das Visitas da Escola Sabatina
30	Jornadas JA

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



Agosto

07-11	Seminário Teológico de Sófia (BU)
14-18	União Checo-Eslovaca (CSU)
21-25	Universidade Adventista de França (EUD)
28-01/09	Associação do Sul de França (FBU)

Setembro

04-08	Hospital Waldfriede (EUD)
11-15	Associação da Morávia-Silésia (CSU)
18-22	União Austríaca (AU)
25-29	Associação da Hansa (NGU)

PRESENÇA NOS MEDIA



ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2 a partir das 15:30h // ANTENA 1 a partir das 22h47

07/08	segunda-feira
28/08	segunda-feira
18/09	segunda-feira

CAMINHOS

RTP2, às 10h30 // ANTENA 1, a partir das 06h00

27/08	domingo
-------	---------

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.



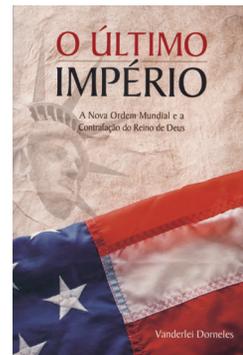
BANCO DE LEITURA

O Último Império

Vanderlei Dorneles

Desde 1851, os Adventistas do Sétimo Dia atribuem aos Estados Unidos da América um papel crucial no cenário do tempo do fim. De facto, o teólogo Adventista John Andrews foi o primeiro a identificar a besta com dois chifres semelhantes aos de um cordeiro de Apocalipse 13 com a nação norte-americana. Esta identificação foi corroborada, alguns anos depois, por Ellen G. White, sendo plasmada no seu livro intitulado *O Grande Conflito*. Se esta identificação não parecia fazer muito sentido quando foi primeiramente defendida (pois os Estados Unidos da América eram então uma potência de terceira categoria), hoje ela faz todo o sentido. A nação norte-americana é, atualmente, a superpotência mundial, tanto em termos económicos e culturais, como em termos políticos e militares.

Movido pelo desejo de compreender melhor as raízes histórico-ideológicas dos Estados Unidos da América, o teólogo Vanderlei Dorneles escreveu a obra que lhe quero apresentar aqui. Sendo inicialmente uma tese de doutoramento, este livro tem por objetivo mostrar como o processo de fundação dos Estados Unidos da América provê importantes dados para iluminar a interpretação Adventista de Apocalipse 13, para além de colocar em perspetiva o atual panorama sócio-político norte-americano e os seus potenciais desenvolvimentos futuros. Esta obra está estruturada em oito capítulos. O primeiro apresenta o império americano na profecia. O segundo expõe a interpretação Adventista de Apocalipse 13. Os três capítulos seguintes apresentam uma visão panorâmica do nascimento da nação norte-americana com a sua vocação messiânica. Por fim, os três últimos capítulos refletem sobre o modo como o poder imperial norte-americano se identifica com a "voz do dragão" através das suas ações beligerantes e perseguidoras. Assim, este livro de 183 páginas surge como um interessante complemento ao estudo de Apocalipse 13. Se o Leitor quer aprofundar o seu conhecimento deste capítulo crucial do Apocalipse, não deixe de adquirir *O Último Império*.



Paulo Lima

Editor da *Revista Adventista*

Em 28 de janeiro de 1986, milhões de Norte-Americanos testemunharam aquele que é considerado um dos maiores desastres espaciais da História: o acidente com o vaivém espacial *Challenger*. 73 segundos após a decolagem um defeito no tanque de combustível provocou a explosão que matou os sete ocupantes do vaivém, inclusive Christa McAuliffe, a primeira mulher civil a participar numa missão espacial.

Enquanto a nave espacial se desintegrava no ar, o engenheiro Roger Boisjoly começou a sentir uma intensa culpa. Fazendo parte da equipa que desenvolveu os foguetes, ele não queria acreditar que as suas desconfianças pudessem ter-se realizado. Em julho de 1985, o engenheiro tinha constatado que os anéis de vedação do

Libertos da culpa



tanque de combustível poderiam sofrer um desgaste não programado e ocasionar um acidente fatal.

Ao comunicar a sua descoberta aos seus superiores, Boisjoly não foi ouvido e os preparativos para o lançamento da *Challenger* continuaram. Na noite anterior ao acidente, ele e os demais membros da sua equipa sugeriram adiar o evento, mas as pressões vindas da NASA fizeram com que o projeto fosse concluído.

Os meses que se seguiram à tragédia foram terríveis para o experiente engenheiro. Ele passou a sofrer de fortes dores de cabeça, dores no peito, visão dupla e outros desconfortos. O seu temperamento tornou-se explosivo e desenvolveu uma compulsão alimentar que o levou a ganhar 40 quilos em quatro meses. Durante dois anos, Boisjoly sentiu-se culpado por não ter evitado a catástrofe, até que conseguiu superar o seu sentimento de culpa graças a tratamento psicológico.

Quem é que nunca se sentiu culpado de algo? Todos nós, num determinado momento, já sentimos o peso da culpa a dilacerar a consciência e a roubar-nos a paz. Lembro-me de numerosas histórias de pessoas que, de alguma forma, carregaram o fardo da culpa: o adolescente que tinha dificuldade em manter-se casto; a jovem senhora que se responsabilizava por um aborto espontâneo; o homem que experimentava emoções contraditórias por ter matado um oponente em legítima defesa; os pais que se culpavam pelas escolhas erradas dos filhos. Além desses exemplos, existem muitos relatos de pessoas que, por causa de diferentes comportamentos pecaminosos, não conseguem ver mais nada a não ser a condenação divina. O meu contacto com uma grande quantidade

de pessoas feridas pelos diversos tipos de culpa fez-me concluir que esse sentimento está por trás da maior parte do sofrimento humano. Mas, afinal, o que é a culpa e como é possível superá-la?

Etimologicamente, a palavra “culpa” é um termo de origem latina que significa “conduta negligente ou imprudente, falta voluntária a uma obrigação ou a um código ético”.¹ De acordo com o *Dicionário Houaiss*, na Psicologia o termo expressa uma “emoção penosa (de auto-rejeição e de desajuste social) resultante de um conflito”² entre as normas sociais e individuais que se chocam com os impulsos ou desejos da pessoa. Em Teologia, o vocábulo refere-se à “transgressão de carácter religioso e/ou moral; pecado”.³ Por se tratar de um termo com amplo significado, é necessário compreendê-lo de modo mais específico.

Tipos de culpa

Existem dois tipos fundamentais de culpa: culpa objetiva e culpa subjetiva. A culpa objetiva ocorre quando existe a transgressão de alguma regra, explícita ou implícita. Nesse sentido, ela pode ser enquadrada em quatro tipos gerais.

Culpa legal: Corresponde à desobediência às leis da sociedade. Estacionar em local proibido ou fugir aos impostos enquadram-se nesta modalidade.

Culpa social: Ocorre quando alguém quebra uma norma aceite pelo seu grupo social, mas que não está, necessariamente, escrita. A pessoa que ignora alguém que necessita da sua ajuda ou que fala mal dos colegas incorre neste tipo de culpa.

Culpa pessoal: É definida como a transgressão dos próprios padrões pessoais. A pessoa frustrada que decidiu mudar os seus hábitos alimentares, mas não é

COMO PODEMOS LIVRAR-NOS DO SENTIMENTO DE CULPA? EM PRIMEIRO LUGAR, É NECESSÁRIO CONSIDERAR ESSA LIBERTAÇÃO COMO UM PROCESSO PELO QUAL DEUS TEM PROFUNDO INTERESSE.

fiel a esse propósito, pode sentir culpa pessoal.

Culpa teológica: É a falha na obediência às orientações de Deus. É a transgressão dos padrões divinos, por meio de pensamentos ou atos.

Como facilmente se vê, a culpa objetiva não está relacionada com os sentimentos derivados da transgressão, mas existe independentemente deles. Os sentimentos são considerados na culpa subjetiva, que se subdivide em duas modalidades: apropriada e imprópria. O sentimento de culpa apropriado é aquele resultante de ações que, de facto, resultam em culpa objetiva. Uma pessoa que se entristece porque cometeu um homicídio vive essa situação.

O sentimento de culpa impróprio, por sua vez, não deriva de ações caracterizadas pela culpa objetiva. No caso da jovem senhora que se sentia culpada por um aborto espontâneo nota-se que ela não transgrediu nenhuma regra explícita ou implícita da sociedade. No entanto, ela carregava consigo o senso da responsabilidade pelo que ocorreu. Embora não se possa desprezar a sua dor,



sabe-se racionalmente que ela não tem culpa pela perda do feto; por isso, o seu sentimento é um sentimento de culpa impróprio.

Libertando-se da culpa

Como podemos livrar-nos do sentimento de culpa? Em primeiro lugar, é necessário considerar essa libertação como um processo pelo qual Deus tem profundo interesse. O Senhor tem planos de paz e de prosperidade para nós (Jer. 29:11), espera que tenhamos vida abundante (João 10:10), cheia de alegria (Sal. 16:11) e com a consciência plena de paz (Fil. 4:7). Saber que o Criador quer ver as Suas criaturas repletas de contentamento é um grande estímulo para a superação do sentimento de culpa.

Em seguida, deve-se avaliar o sentimento de culpa de modo racional. É possível identificar alguma transgressão específica que justifique esse sentimento? O ato que produziu essa sensação enquadra-se em algum tipo de culpa? A confrontação entre a atitude e as normas explícitas ou implícitas gera a consciência da

culpabilidade. De acordo com a Bíblia, o Espírito Santo é o grande agente da consciencialização, Aquele que convence “do pecado, da justiça e do juízo” (João 16:8), fazendo uso das Escrituras como critério de referência ética e espiritual. Neste estágio, torna-se possível detetar se o sentimento de culpa é apropriado ou impróprio. Na verdade, superar o sentimento impróprio talvez seja mais complicado do que ultrapassar o sentimento apropriado, uma vez que, neste último, existe um facto específico que precisa de ser reparado, enquanto no primeiro as emoções constroem uma falsa impressão de responsabilidade. O que fazer quando alguém se sente culpado de maneira imprópria?

Neste caso, a pessoa precisa de procurar um ambiente acolhedor em que possa exprimir os seus pensamentos, contar com a ajuda de pessoas emocionalmente equilibradas e que consigam ouvi-la de forma reflexiva. Além disso, precisa de exercitar a sua capacidade de controlar os pensamentos nocivos. Evidentemente, entregar-se

aos cuidados de Deus é uma fonte poderosa de alívio. Ouvir o convite de Jesus é algo confortador: “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso” (Mat. 11:28). Ellen G. White escreveu: “Ele carregou o fardo da nossa culpa. Ele tomará o peso dos nossos cansados ombros. Ele nos dará descanso. O fardo de cuidado e de aflição, Ele o levará também. Convida-nos a lançar sobre Ele toda a nossa solicitude; pois nos traz sobre o coração.”⁴

Quando, porém, a pessoa é verdadeiramente culpada, o passo seguinte é assumir a sua responsabilidade. O arrependimento e a confissão são fundamentais. Um exemplo bíblico que ilustra este processo é a história do adultério de David e Bate-Seba (II Sam. 11 e 12). Este relato apresenta a espiral descendente da culpa, bem como a espiral ascendente da recuperação realizada por Deus. O rei cobiçou, adulterou e ordenou a morte de um dos seus principais soldados, Urias, o Heteu, marido de Bate-Seba. Nestes atos, incorreu em culpa legal, social, pessoal e teológica. Note que ele tornou-se culpado de todos os tipos de culpa objetiva. O seu caso era gravíssimo! No entanto, “onde aumentou o pecado, transbordou a graça” (Rom. 5:20). Havia esperança para o rei.

Com o propósito de o restaurar, Deus confrontou David por meio da revelação profética dada a Natã. Os critérios divinos despertaram nele o sentimento de culpa. A sua reação imediata foi dizer: “pequei contra o Senhor” (II Sam. 12:13). Como fruto do seu arrependimento, ele suplicou: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito inabalável” (Sal. 51:10).

Somente quando há arrependimento e confissão é que existe

a possibilidade de restauração. O fundador da Psicologia Analítica, Carl Gustav Jung, reconheceu essa verdade, ao dizer que “os primórdios de todo o tratamento da alma devem ser vistos no seu protótipo – a confissão”. Superar o sentimento de culpa sem uma atitude de arrependimento e confissão é algo impossível! Em I João 1:9, a confissão é apresentada como a condição imprescindível para se receber o perdão e a purificação divinos: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça.”

Apropriar-se do perdão é o passo final rumo à libertação da culpa. Curiosamente, embora esse ato seja indispensável, foi recentemente que a Psicologia começou a considerar a sua importância. De acordo com a Bíblia, o perdão desempenha um papel relevante nas dimensões divina e humana, ligando-as

uma à outra. Na oração modelo, Jesus ensina: “Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores” (Mat. 6:12). Receber (e dar) o perdão é a “pedra de toque” do processo curativo do sentimento de culpa. Quando David aceitou o perdão divino, exclamou: “Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto!” (Sal. 32:1.) Algumas pessoas têm dificuldade em aceitar o perdão, seja divino ou humano, alegando que não se sentem perdoadas. Para elas, são muito oportunas as palavras de Ellen G. White: “Satanás procura desviar a nossa mente do poderoso Ajudador, para nos levar a ponderar sobre a degeneração da nossa alma. Mas ainda que Jesus veja a culpa, Ele pronuncia o perdão; e nós não O devemos desonrar duvidando do Seu amor.”⁵

Quem, portanto, deseja libertar-se do sentimento de cul-

pa deve: (1) crer que Deus está interessado nesse processo; (2) avaliar o sentimento de maneira racional, ouvindo a voz do Espírito Santo a falar através das Sagradas Escrituras; (3) assumir a responsabilidade, arrependendo-se e confessando as suas faltas; e (4) apropriar-se do perdão divino e/ou humano.

Seguir a orientação bíblica é o caminho para a vida plena e, se “o Filho vos libertar” da culpa, da vergonha e das frustrações, “verdadeiramente sereis livres” (João 8:36). 

Wellington Barbosa

Editor da CPB.

Retirado da *Revista Adventista* brasileira de janeiro de 2014.

1. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, verbete “culpa”.

2. *Dicionário Houaiss*, verbete “culpa”.

3. *Ibidem*.

4. Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade*, vol. 2, p. 452.

5. *Idem*, pp. 451 e 452.



DEUS, PELA SUA GRAÇA,
DEU A ESTA IGREJA O DOM
DE PROFECIA, TAL COMO SE
MANIFESTOU NA VIDA E OBRA
DE ELLEN G. WHITE.

Interpretando os escritos de

Ellen G. White.

Créditos: Cortesia do Ellen G. White Estate, Inc.

Enquanto Adventistas do Sétimo Dia, acreditamos que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a Igreja remanescente de Apocalipse 12:17 e que Deus, pela Sua graça, deu a esta Igreja o dom de profecia, tal como se manifestou na vida e obra de Ellen G. White. Dado que não acreditamos em graus de inspiração, temos de reconhecer que a sua inspiração, mas não a sua autoridade, está ao mesmo nível que a inspiração dos profetas do Antigo e do Novo Testamentos. Portanto, quando usamos e interpretamos os escritos de Ellen G. White, devemos aplicar-lhes os mesmos princípios de interpretação que aplicamos às Escrituras. Dado que são literatura inspirada, devem ser interpretados pelos mesmos princípios.

A interpretação de textos bíblicos

Os textos bíblicos podem ser compreendidos e usados de diferentes modos. Um pregador num sábado de manhã pode explicar o que o autor bíblico quis dizer quando escreveu o texto, processo a que se chama “exegese”. No entanto, um pregador frequentemente usa linguagem bíblica sem considerar o significado original do texto bíblico em questão. A isto pode chamar-se um uso homilético das Escrituras. Por exemplo, em Marcos 1:15 Jesus veio para a Galileia, onde pregou

o Evangelho, dizendo: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo: Arrependei-vos e crede no evangelho.”¹ O reino que Jesus proclamava nesse tempo era o reino da graça, que Ele estabeleceu no Seu Primeiro Advento, mas a linguagem do texto citado pode também ser aplicada à nossa situação de hoje.

Todas as profecias cronológicas já se cumpriram, pelo que um pregador pode apelar a que a sua congregação se arrependa e creia no Evangelho, porque “o reino de Deus está próximo”. No entanto, desta vez, o reino é o reino da glória que Cristo irá inaugurar na Sua Segunda Vinda, e não o reino da graça. A primeira interpretação de Marcos 1:15 é uma “exegese”, a segunda interpretação é um uso homilético do texto.

Ambos os usos do texto são legítimos, mas devemos fazer uma distinção entre eles e qualquer ensino ou doutrina retirados das Escrituras devem ser baseados numa cuidadosa exegese do texto, não num uso homilético do mesmo.

O uso que Ellen G. White fez das Escrituras

Ellen G. White usou frequentemente as Escrituras de forma homilética.² Ela estava impregnada da linguagem da Bíblia e sempre que falava ou escrevia sobre um determinado tópico, usava linguagem bíblica e textos bíblicos para transmitir a mensagem que tinha recebido. Por exemplo, no livro *O Grande Conflito*, Ellen G. White escreveu: “Os que aceitam os ensinamentos da Palavra de Deus não serão totalmente ignorantes sobre a morada celestial. E, contudo, ‘as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam’ (I Coríntios 2:9). A lin-

guagem humana não é adequada para descrever a recompensa dos justos. Será conhecida apenas dos que a contemplarem. Nenhum espírito finito pode compreender a glória do Paraíso de Deus.”³

Nesta passagem, Ellen G. White aplica I Coríntios 2:9 à Nova Terra. No entanto, quando estudamos este texto no seu contexto descobrimos que Paulo não está a falar acerca da Nova Terra, mas acerca da Cruz e da salvação (vv. 1-8). Ellen G. White usou a linguagem do texto e aplicou-a à Nova Terra, porque o que o texto diz também é verdade acerca da Nova Terra – nenhum olho viu e nenhum ouvido ouviu o que Deus preparou para o Seu povo.

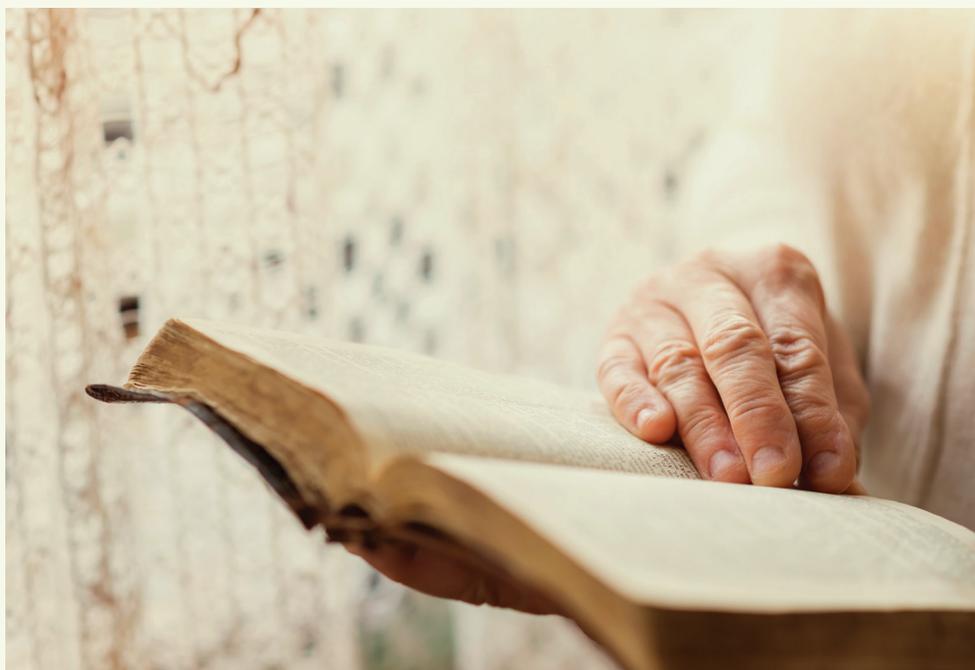
Ao lermos os livros de Ellen G. White descobrimos muitos outros exemplos em que ela usa a linguagem de um texto bíblico ou de uma passagem bíblica para exprimir a mensagem que Deus lhe deu para comunicar à Igreja. O facto de ela usar estes textos não significa que ela está a interpretá-los, isto é, a explicar o que o autor bíblico quis dizer. Compreender

esta diferença entre uso exegético e uso homilético torna-se importante quando algumas pessoas tentam usar os escritos dela como a última palavra sobre o significado de um texto específico.

Interpretar os escritos de Ellen G. White

Para além de prestarmos atenção ao modo como Ellen G. White usou as Escrituras, devemos também ser cuidadosos na interpretação e na aplicação das coisas que ela escreveu. Muita controvérsia e muitos desentendimentos na Igreja acerca das suas obras literárias poderiam ser evitados, caso, na interpretação dos seus escritos, observássemos sempre quatro princípios:

1. *Ter em conta o tempo e o espaço.* Em 1897, Ellen G. White escreveu um artigo para a *Review and Herald*, intitulado “A Bíblia nas nossas escolas”, em que ela afirmou: “Há ocasiões em que são necessários os eruditos em Grego e Latim. Alguns precisam de estudar estas línguas. Isto está bem. Mas não todos, nem muitos, devem estudá-las.”⁴ Há alguns





Créditos: Cortesia do Ellen G. White Estate, Inc.

anos, um estudante de teologia numa das nossas Faculdades recusou-se a estudar Grego baseando-se nesta citação. Tinha ele razão? Que situação levou Ellen G. White a escrever estas palavras?

O *Battle Creek College* (Faculdade de Battle Creek) foi fundado em 1874. Alguns anos mais tarde ele oferecia licenciaturas em Humanísticas e Ciências. No entanto, durante as primeiras décadas, o seu *curriculum* copiava o *curriculum* de educação clássica das Faculdades estaduais daquele tempo. Isto significava que os estudantes que queriam obter a licenciatura em Humanísticas tinham que estudar Latim e Grego clássicos durante três anos. E o que eles liam nessas aulas eram as obras de Virgílio, Ovídio, Cícero, Séneca, Xenofonte, Demóstenes, Homero e outros autores pagãos.⁵ Além do mais, excetuando o cur-

so de missão, os cursos oferecidos não incluíam quaisquer temas bíblicos. Assim, em 1877-1878, a Faculdade tinha 413 alunos inscritos, mas apenas 75 tinham aulas sobre a Bíblia.⁶

Durante muitos anos, Ellen G. White apelou para que a Bíblia, e não os autores pagãos, fosse o centro do nosso programa de ensino. Em 1896 ela escreveu: “A maior sabedoria, e a mais essencial, é o conhecimento de Deus. ... A Bíblia precisa de se tornar no fundamento de todo o estudo.”⁷ Nos anos seguintes a situação começou a melhorar. Em 1897, E. A. Sutherland tornou-se Presidente da Faculdade e o currículo clássico foi abolido. De 1898 em diante, apenas se ensinou Grego do Novo Testamento, Latim do Novo Testamento e Latim médico.⁸

O programa de dois anos de Grego nas nossas Faculdades atuais é

o resultado das reformas da década de 1890. Ellen G. White nunca mais voltou a criticar o estudo do Grego ou do Latim. Portanto, a sua declaração na obra *Fundamentos da Educação Cristã* não pode ser usada contra o estudo de Grego ou Hebreu nos dias de hoje.

2. *Estudar o contexto imediato.* O contexto imediato é o que vem antes e depois de uma determinada declaração. A que se refere Ellen G. White no parágrafo ou no capítulo de onde é retirada a declaração?

No livro *Parábolas de Jesus*, Ellen G. White declara o seguinte: “Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera a sua conversão, que digam ou sintam que estão salvos.”⁹ Muitos Cristãos, agora, como então, acreditam na doutrina errônea de “uma vez salvos, sempre salvos”. Ellen G. White opunha-se claramente a este ensino. No contexto imediato ela escreveu: “Nada é tão ofensivo a Deus nem tão perigoso para a alma humana como o orgulho e a presunção. De todos os pecados é o que menos esperança incute, e o mais irremediável. A queda de Pedro não foi repentina, mas gradual. A confiança em si mesmo induziu-o à crença de que estava salvo, e desceu passo a passo a vereda descendente até negar o Seu Mestre. Jamais podemos confiar seguramente em nós mesmos ou sentir, aquém do Céu, que estamos livres da tentação. Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera a sua conversão, que digam ou sintam que estão salvos. Isto é enganoso. Deve-se ensinar cada pessoa a acariciar esperança e fé; mas, mesmo quando nos entregamos a Cristo e sabemos que Ele nos aceita, não estamos fora do alcance da tentação.”¹⁰

O contexto torna claro que ela foca-se em tratar a questão da

auto-confiança e das tentações após a conversão. Dado que nunca estamos a salvo das tentações, nunca podemos dizer que não podemos cair ou que estamos salvos e, portanto, seguros contra a tentação. Mas isto não significa que não possamos ter, dia-a-dia, a certeza da salvação (I João 5:12 e 13). De facto, ela afirmou claramente que podemos ter a certeza da salvação. “Não devemos duvidar da Sua misericórdia, dizendo: 'Não sei se serei salvo, ou não.' Por meio de uma fé viva precisamos de apegar-nos à Sua promessa, pois Ele disse: 'Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã.’”¹¹

3. *Estudar o contexto alargado.* O contexto alargado são as outras declarações que Ellen G. White escreveu sobre um tópico particular. Para ilustrar este princípio, iremos ver um aspeto da mensagem de saúde Adventista: o consumo de carne. Nesta questão ela tem muitas declarações num tom absoluto, mas também muitas declarações modificadoras que devem ser consideradas.

Em 1903, Ellen G. White fez o que parece ser uma declaração absoluta. Ela escreveu: “Verduras, frutas e cereais devem constituir o nosso regime. Nem uma grama de carne deve entrar no nosso estômago. Comer carne não é natural. Devemos voltar ao designio original de Deus ao criar o Homem.”¹² Qualquer pessoa que leia esta declaração isolada teria de chegar à conclusão de que em nenhuma circunstância devemos comer carne.

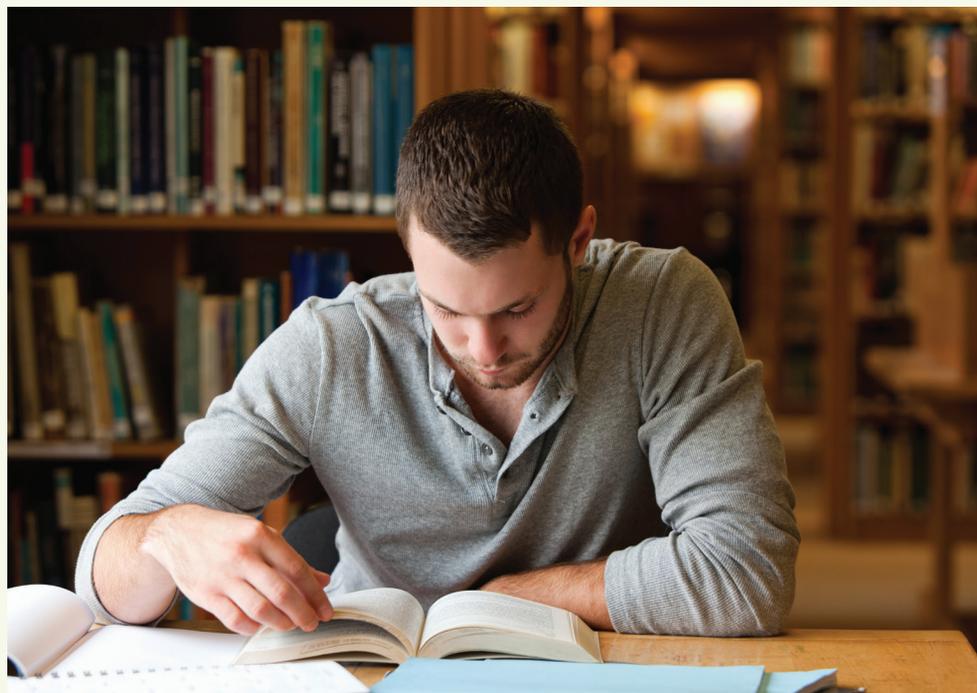
No entanto, algumas páginas mais adiante no mesmo livro, encontramos uma declaração modificadora, de 1890, sobre o mesmo tópico: “Onde é possível obter bastante leite bom e fru-

tas, raramente há uma desculpa para se comer alimento animal; não é necessário tirar a vida de qualquer das criaturas de Deus para suprir as nossas necessidades comuns. Em certos casos de doença ou exaustão, poderá ser considerado melhor usar alguma carne, mas grande cuidado deve ser tomado para adquirir carne de animais sadios. Tem chegado a ser uma questão muito séria saber-se se é seguro usar de algum modo alimento cárneo nesta época do mundo. Melhor é nunca usar carne do que usar a carne de animais que não sejam sadios. Quando não me foi possível obter o alimento de que necessitava, comi um pouco de carne algumas vezes; mas estou a ficar cada vez mais atemorizada de fazê-lo.”¹³

As circunstâncias modificadoras são os casos de doença ou quando outro tipo de alimento não estiver prontamente disponível. Ela admitiu que tinha comido carne de tempos a tempos. Portanto, numa declaração muito equilibrada realizada perante os delegados

à Assembleia da Conferência Geral de 1909, ela disse: “Não estabelecemos regra alguma para ser seguida no regime alimentar, mas dizemos que nos países onde há muita fruta, cereais e nozes, os alimentos cárneos não constituem alimentação própria para o povo de Deus. ... Se a alimentação de carne foi saudável algum dia, é perigosa agora. Constitui em grande parte a causa dos cancros, dos tumores e das moléstias do pulmão. Não nos compete fazer do uso da alimentação cárnea uma prova de comunhão; devemos, porém, considerar a influência que crentes professos, que fazem uso de carne, têm sobre outras pessoas.”¹⁴

Devemos certamente ter como objetivo a prática de uma dieta vegetariana, mas nunca fazer disso uma prova de comunhão. Em algumas circunstâncias uma dieta que inclui alguma carne pode até ser a melhor, mas isto não deve servir de desculpa para se continuar a comer carne quando não existe necessidade. “O regime cárneo não é o mais sã, e, todavia, eu não



tomaria a atitude de que ele deva ser rejeitado por todas as pessoas. Os que têm fracos órgãos digestivos podem muitas vezes comer carne, quando não lhes é possível ingerir verduras, frutas e papas.”¹⁵ Quando consideramos a totalidade do que ela escreveu sobre um dado tópico, surge uma imagem equilibrada, que deve ser considerada muito valiosa para cada Cristão que leva a sério a sua religião, mas particularmente para os Adventistas do Sétimo Dia, a quem Deus chamou para serem as Suas testemunhas nestes últimos dias.

4. *Procurar princípios.* Os profetas transmitem a verdade de Deus sob a forma de princípios ou políticas. Os princípios são universais e aplicam-se a todas as pessoas em todos os lugares e em todas as épocas. As políticas são as aplicações dos princípios a situações particulares. As políticas podem mudar perante circunstâncias diferentes e podem aparentar ser diferentes em diferentes culturas e lugares. “O que pode ser dito das pessoas sob certas circunstâncias não se poderá dizer noutras.”¹⁶ Um exemplo retirado dos escritos de Ellen G. White vem rapidamente à mente.

Em 1903, numa época onde a disponibilidade do uso de automóveis era ainda uma coisa do futuro, Ellen G. White escreveu: “E se, por outro lado, as moças pudessem aprender a arrear, cavalgar, usar a serra e o martelo, assim como o ancinho e a enxada, estariam melhor adaptadas a enfrentar as emergências da vida.”¹⁷ O princípio nesta declaração é que

as moças devem “estar adaptadas a enfrentar as emergências da vida”. Aplicando-se este princípio ao nosso tempo, isto significa que as moças devem aprender a conduzir e a cuidar de um carro.

A experiência de crescimento de Ellen G. White

Para além destes princípios de interpretação, precisamos de ter presente que os profetas não recebem toda a luz de uma só vez. Também eles crescem na sua compreensão das coisas celestiais. Em Daniel 8:27 (DB) o profeta diz: “Fiquei estupefacto com a visão que tive, totalmente incompreensível para mim.” Cerca de três anos mais tarde, o anjo Gabriel apareceu-lhe e explicou-lhe o essencial da visão.

Do mesmo modo, Ellen G. White cresceu na sua compreensão do que Deus lhe revelava. Em 1904, ela escreveu: “Com frequência são-me dadas representações que a princípio eu não compreendo, mas, depois de algum tempo, elas tornam-se claras pela reiterada apresentação dessas coisas que a princípio eu não entendi, e de certas maneiras que fazem com que o seu significado seja claro e inconfundível.”¹⁸

Conclusão

Na interpretação de escritos inspirados, o tempo e o lugar, bem como o contexto imediato e alargado, são muito importantes. O contexto histórico e literário ajudar-nos-ão na nossa interpretação dos escritos de Ellen G. White, de modo a que evitemos

tanto uma interpretação excessivamente literal, como uma interpretação que se afaste de tal forma da intenção da autora que os seus escritos se tornem inúteis. ✨

Gerhard Pfandl

Teólogo.

Retirado da revista *Ministry* de dezembro de 2015.

1. Todos os textos bíblicos citados são da tradução João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida, exceto indicação em contrário.

2. Isto foi reconhecido há já muito tempo. Robert W. Olson, antigo Diretor do *Ellen G. White Estate*, em 1981 escreveu: “Os escritos de Ellen G. White são geralmente de natureza homilética ou evangelística, e não estritamente exegetica.” *One Hundred and One Questions on the Sanctuary and Ellen White* (Washington, DC: Ellen G. White Estate, 1981), p. 41.

3. Ellen G. White, *O Grande Confito*, p. 561, ed. P. SerVir.

4. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1975), p. 468.

5. Emmett K. Van de Vere, *The Wisdom Seekers* (Nashville, TN: Southern Publishing, 1972), p. 59.

6. Don F. Neufeld, ed., *Seventh-day Adventist Encyclopedia* (Washington, DC: Review and Herald, 1976), p. 47.

7. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1975), p. 451.

8. Neufeld, *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, p. 47.

9. Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 155.

10. *Idem*, pp. 154 e 155.

11. Ellen G. White, *E Recebereis Poder* – MM 2001, p. 295, ed. P. Atlântico.

12. Ellen G. White, *Conselhos sobre o Regime Alimentar* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), p. 380.

13. *Idem*, p. 394.

14. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), vol. 9, p. 159.

15. Ellen G. White, *Conselhos sobre o Regime Alimentar*, pp. 394 e 395.

16. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 3, p. 470.

17. Ellen G. White, *Educação* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1968), p. 217.

18. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 56.

Deu Jesus à Igreja a autoridade de perdoar pecados?

Mateus 16:19 faz parte das palavras que Jesus dirigiu a Pedro a propósito da confissão que este fez nas proximidades de Cesareia de Filipe. Respondendo à pergunta de Jesus, “Quem dizeis que eu sou?”, Pedro fez esta declaração em nome de todos os discípulos: “Tu és o Cristo [o Messias]” (Mateus 16:15). Esta confissão recebeu como resposta de Jesus a seguinte declaração a Pedro: “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque tu não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai que está nos céus. Pois, também, eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16:17 e 18). Vem depois o texto que vamos analisar aqui.

A pedra sobre a qual está construída a Igreja é Cristo

Esta passagem tem sido um tema de debate entre os Cristãos, especialmente desde a Reforma Protestante. A

declaração de Jesus a Pedro tem sido usada pela Igreja Católica Romana para apoiar a pretensão dos Papas a serem os sucessores de Pedro, o qual teria sido indigitado por Jesus

para ser o líder da Igreja Cristã. No entanto, nada há neste texto, nem no resto do Novo Testamento, que sugira que Pedro é a rocha sobre a qual a Igreja é construída. De modo a resistir às portas do inferno, a Igreja tinha obviamente de ser construída sobre um fundamento mais firme do que o que um mero ser humano podia prover, ainda que se tratasse de Pedro (cf. Mateus 16:21-23). O fundamento da Igreja é o próprio Cristo (I Coríntios 3:11; Efésios 2:20; I Pedro 2:4).

A autoridade de “ligar” e “desligar” pertence à Igreja

Em Mateus 16:19, Jesus estava a dirigir-Se a Pedro, mas aquilo que foi dito a Pedro, no capítulo 16, foi também dito, em Mateus 18:18, a toda a Igreja. A autoridade de “ligar” e “desligar” foi assim dada a todo o corpo de Cristo e



LEMBRE-SE DE QUE, NOS EVANGELHOS, OS GENTIOS E OS COBRADORES DE IMPOSTOS ERAM OBJETO DO FRANCO AMOR DE JESUS E ELE DESENVOLVEU GRANDES ESFORÇOS PARA OS SALVAR (LUCAS 15:1 E 2).

não a um indivíduo particular no interior da Igreja. O contexto de Mateus 18 sugere que a autoridade de “ligar” e “desligar” refere-se à responsabilidade da Igreja de disciplinar os membros. No entanto, Mateus 16:19 e 18:18 não dão à Igreja um poder ilimitado no que diz respeito a discipli-

nar e a perdoar. A tradução correta de Mateus 16:19 diz o seguinte: “E tudo o que ligares na terra *terá sido ligado* no céu, e tudo o que desligares na terra *terá sido desligado* no céu.” O texto não sugere que foi concedida à Igreja uma autoridade absoluta para perdoar ou para não perdoar as ofensas dos seus membros. Em vez disso, o que Jesus enfatizou neste texto é que as decisões da Igreja devem refletir as decisões já tomadas no Céu (e não vice-versa). Perdoar os pecados de alguém é uma prerrogativa que pertence apenas a Deus e que foi tornada possível pela morte de Jesus na cruz. A disposição que Deus tem em perdoar deve estabelecer o padrão a seguir por aqueles que estão designados para exercer a autoridade necessária ao processo de disciplinar os membros da Igreja.

O texto coloca sobre a Igreja uma grande responsabilidade. Ao disciplinar os membros, os oficiais da Igreja não devem ser governa-

dos por preferências ou preconceitos pessoais. Se o membro pecador se arrepende, a Igreja deve prontamente perdoar, seguindo o exemplo do Pai que está nos Céus. No entanto, se o irmão pecador ou a irmã pecadora se recusam teimosamente a arrepender-se, a Igreja deve aplicar a disciplina da Igreja como um último esforço redentor para produzir o arrependimento. É interessante que a palavra grega que significa “expulsar” ou “colocar fora” (grego, *ekballo*; cf. João 9:34 e 35; III João 10) não é usada aqui. Em vez disso, disse Jesus, a Igreja deve relacionar-se com o membro impenitente como se ele fosse “um gentio ou um cobrador de impostos”. O que Jesus queria dizer com isto é que a Igreja deveria tratar essa pessoa como trata qualquer outro pecador no mundo, fazendo todos os esforços para o restabelecer como membro da comunidade dos crentes. Lembre-se de que, nos Evangelhos, os Gentios e os cobradores de impostos eram objeto do

franco amor de Jesus e Ele desenvolveu grandes esforços para os salvar (Lucas 15:1 e 2).

O perdão concedido por um sacerdote não é bíblico

É necessário fazer um comentário no que toca à declaração de Jesus em João 20:23: “Àqueles a quem perdoardes os pecados, eles lhes foram perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, eles lhes foram retidos.” Mais uma vez Jesus indica que as ações da Igreja devem refletir as ações já realizadas no Céu. Este texto tem sido interpretado por alguns Cristãos como dando apoio à prática da confissão auricular ou da remissão de pecados por um sacerdote, mas não há nada no texto que sugira tais práticas.

O perdão a que Jesus Se refere neste texto deve ser definido pelo seu contexto. Depois da Sua ressurreição, Jesus apareceu aos discípulos e disse-lhes: “Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (João 20:21). Depois, capacita-os com o Espírito Santo, comissionando-os para irem pelo mundo e perdoarem, ou não, os

pecados: “Àqueles a quem perdoardes os pecados, eles lhes foram perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, eles lhes foram retidos” (João 20:23). Lucas transmite uma declaração semelhante de Jesus no mesmo contexto: “E em seu nome se pregasse o arrependimento e remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém” (24:47). Esta declaração esclarece o significado de João 20:21-23. Ela sugere que Jesus não autorizou a Igreja a perdoar pecados, mas a proclamar ao mundo a mensagem do perdão de Deus. Por exemplo, no Pentecostes, o Evangelho do perdão foi proclamado por Pedro (Atos 2:38). A Igreja tem a responsabilidade de proclamar o perdão àqueles que aceitam o Evangelho, incorporando-os na comunidade dos crentes. Por outro lado, a Igreja é comissionada a transmitir a mensagem do juízo àqueles que rejeitam o chamado ao arrependimento, porque eles escolheram permanecer na sua condição pecadora. ✨

Ranko Stefanovic
Teólogo.

Retirado do livro *Interpreting Scripture*.

“A grande dificuldade que os Protestantes têm com o ensino Católico Romano sobre Pedro é a noção de que a exclusiva sucessão apostólica emana de Pedro como primeiro Bispo de Roma. Atribuir este dogma a Mateus é anacrônico, pois ele nada sabe sobre Pedro ser o primeiro Papa ou sobre o primado da Igreja de Roma sobre as outras Igrejas Cristãs. Mateus não teria endossado a ideia da infalibilidade de Pedro ou da sua suprema autoridade sobre a Igreja, dado que Pedro fala como representante dos outros apóstolos e comete frequentemente erros (15:15; 16:16; 17:4, 25; 18:21; 19:27; 26:33-35; cf. Atos 11:1-18; Gálatas 2:11-14). Em 18:18, ligar e desligar é uma função da Igreja, não de Pedro”

(David L. Turner, *Matthew*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament, Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008, p. 407).





ADRA PORTUGAL EM PEDRÓGÃO GRANDE

Cármem Maciel
Diretora Executiva da ADRA Portugal

No dia 18 de junho, domingo, Portugal amanheceu com a triste notícia de que um grande foco de incêndio, em Pedrógão Grande e noutras aldeias limítrofes do distrito de Leiria, tinha consumido uma imensidão de zonas florestais, queimando igualmente habitações, estufas, sedes de negócios e alguns veículos, vitimando inicialmente cerca de 39 pessoas e deixando várias dezenas de indivíduos feridos e/ou em situação de vulnerabilidade.

Atenta às notícias e em contacto direto com o terreno, a ADRA Portugal ativou, de imediato, um plano de emergência para auxiliar os Bombeiros Voluntários e a população afetada por tão grande incidente. A meio da manhã, José Lagoa, voluntário e ex-coordenador da região centro, prontificou-se a visitar a região para fazer um levantamento das necessidades de primeira hora de quem se encontrava no terreno. Logo a seguir ao almoço, Décio Lopes, o atual coordenador da região, deslocou-se, com mais alguns voluntá-

rios, para junto das famílias que colaboram no Centro Comunitário da ADRA em Pedrógão Grande, levando-lhes alimentos e outros bens de primeira necessidade. O Coordenador da ADRA no Centro esteve junto de cinco famílias que foram severamente lesadas pelo fogo, perdendo o investimento de toda uma vida de trabalho, mas que conseguiram preservar o bem mais precioso: a vida. A presença deste colaborador, as suas palavras amigas, assim como os bens oferecidos, permitiram-lhe transmitir a mensagem de que a ADRA estava pronta para ajudar em tudo o que fosse necessário.

Ainda nas primeiras horas (e de forma a organizar as dezenas de chamadas recebidas com a oferta de ajuda de natureza diversa), a ADRA criou um formulário – disponibilizado no seu site e nas redes sociais – para que as pessoas pudessem indicar como é que gostariam de ajudar as famílias em sofrimento. O formulário chegou às 98 respostas em poucas horas!

Rapidamente se identificaram alguns pontos de entrega de bens: o Centro Comunitário da ADRA de Pedrógão Grande, a igreja Adventista do Sétimo Dia da Sertã, as Lojas Sociais de Coimbra e do Seixal, as Delegações de Vila Nova de Monsarros, Barreiro, Setú-

bal, Cascais e Figueira da Foz, a Sede da ADRA Norte, a Associação Gota de Vida, em Leiria, e a Oficina de Talentos, em Lisboa.

No meio do caos, a ADRA recebeu um verdadeiro bálsamo com a enorme onda de solidariedade que se gerou em torno desta situação, que veio a revelar-se bem mais dramática do que o expectável, quando atingiu as 64 mortes e a centena e meia de feridos. A compaixão e o cuidado de vários Portugueses, amigos do estrangeiro e de colegas de outros escritórios da rede ADRA (nomeadamente da Alemanha, Áustria e Noruega, entre outros) motivam-nos a fazer mais e melhor.

Ardendo ainda o fogo com forte intensidade, deslocaram-se, nos dias seguintes, cerca de 25 voluntários da ADRA, nomeadamente das Delegações de Pombal, Coimbra e Vila Nova de Monsarros, para continuar a apoiar a comunidade fragilizada. Os voluntários de Coimbra, para além do apoio em géneros, entregaram diariamente duas panelas de sopa, sandes e salada de fruta à Proteção Civil em Avelal e foram muito apreciados por isso.

No dia 22 de junho, após uma ação concertada entre a Direção da ADRA, as Coordenações Regionais do Norte e Centro e diversas Delegações Locais, foi possível visitar novamente o terreno. Ao

tudo, já foram entregues cerca de sete toneladas de alimentos, 150 refeições prontas a consumir, centenas de garrafas de água e de produtos de higiene, pequenos e grandes eletrodomésticos, colchões, sofás, lençóis, cobertores, instrumentos de cozinha e muitos outros bens avulsos.

No meio de tantos donativos genéricos, foi ainda possível entregar, graças à generosidade de doadores particulares, prendas personalizadas a cada criança das famílias lesadas pelos incêndios; contribuir com alimentos específicos para dietas alimentares vegetarianas; e ter uma atenção também para com os animais. Sentir o olhar e a expressão de gratidão das pessoas foi algo singular! É muito bom poder superar as expectativas de quem tudo perde e espera pouco da ajuda externa.

No rescaldo dos fogos, a ADRA irá organizar equipas de voluntários e profissionais para ajudar a população afetada a reerguer as suas comunidades. Estão previstas ações como limpar terrenos, higienizar casas que escaparam aos fogos, recuperar estufas, (re)construir habitações, reunir mobílias e eletrodomésticos e apoiar psicologicamente as famílias lesadas. Equipas de diversos pontos do país, acompanhadas pela Direção da ADRA, continuarão a visitar semanalmente a população, a fim de que sejam supridas as suas necessidades. Estaremos atentos não só ao restabelecimento das diversas comunidades, nas aldeias afetadas, mas também ao bem-estar individual de cada pessoa lesada. Tudo faremos para que, no meio do sofrimento, a sua dignidade seja valorizada e respeitada. 🌱

IBAN PARA DONATIVOS: PT50 0010
0000 5194 8480 0014 3 | SWIFT/BIC:
BBPIPTPL



BATISMOS EM BRAGA

Filomena Magalhães
Anciã da IASD de Braga

Foi com lágrimas de alegria e de grande louvor a Deus que vivemos o dia 6 de maio de 2017 na igreja Adventista do Sétimo Dia de Braga. O casal Edina e Mário e a sua filha, Elaine, deram

testemunho público da sua entrega a Jesus, através do batismo. Surpreendente foi a jornada desta família até aqui e, por certo, continuará a ser surpreendente, com Jesus ao leme.

Num momento de dificuldade, a jovem Elaine agarrou-se à Bíblia e à oração e acabou por descobrir, com a ajuda do Senhor, a verdade do Sábado. De imediato, não só partilhou a descoberta com os seus pais, como procurou

rapidamente saber onde se podia congrega ao sábado. Chegaram pela primeira vez à igreja em setembro de 2016 e é impossível esquecer-me das suas primeiras palavras na Unidade de Ação da Escola Sabatina: “Estamos aqui hoje, nesta igreja, porque queremos guardar os mandamentos.” Nesse mesmo dia, o irmão Mário declarou que queria ser batizado na nossa Igreja e nessa mesma semana começámos a estudar a Bíblia

todos juntos, abordando cada uma das 28 crenças Adventistas. Naquela família encontrei olhos brilhantes e sede da Palavra de Deus, cada vez que os visitava. Foram também acompanhados pelo Pastor Paulo Neves, por quem têm uma grande estima. Estes queridos irmãos, durante os meses em que aguardavam o momento do batismo, foram trazendo amigos, familiares e irmãos de outras congregações cristãs para nos visitar! Que exemplo! Que fé! E tudo isto porque o Senhor lhes bateu à porta e eles escutaram e abriram!

É caso para nos lembrarmos de uma grande promessa do nosso Deus e comprovarmos que Ele é fiel: “Pois eu vos tirarei dentre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos tirarei para a vossa terra. (...) Porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardéis os meus juízos, e os observais” (Ezequiel 36:24, 27). 🌿



CAMINHADA SOLIDÁRIA EM LISBOA

Daniel Galaio
Dep. Comunicação da IASD de Lisboa-General Roçadas

Os Ministérios da Família, Educação e Criança da IASD de Lisboa-General Roçadas e a ADRA Lisboa-General Roçadas, em parceria direta com a Junta de Freguesia de Penha de França,

organizaram uma caminhada solidária, no passado dia 28 de maio, com o objetivo de angariar bens alimentares não perecíveis, destinados à Mercearia Social da Penha de França, um projeto que visa auxiliar as famílias carenciadas da freguesia. A iniciativa contou com o apoio da MOV T, da Instituição *Entre Idades*, da PSP e dos Bombeiros do Beato. Este evento teve início no espaço exterior do Mercado de Sapadores, com uma sessão de aquecimento e mobilização geral muito

vivaz que, além de tirar a fadiga das articulações, teve o mérito de arrancar bons sorrisos aos participantes. De seguida, e com todos já devidamente preparados e equipados, encetou-se caminhada, num percurso de dois quilómetros, com destino ao ponto de chegada na Alameda Dom Afonso Henriques. A distância não se fez sentir devido à animação constante, misturada com música, e onde não faltou o “grito de guerra” original e espontâneo: “É! É! É! A Penha da

França é que é!” Com os incansáveis agentes da PSP a parar o trânsito e com a ambulância dos Bombeiros a escudar os caminhantes, o grupo entusiasmado, composto por cerca de 80 pessoas, foi palmilhando a estrada como se de uma comitiva presidencial se tratasse. À chegada, todos foram presenteados com um mini *Brunch* e com alguma informação alusiva às entidades envolvidas. Este evento desportivo e solidário terminou com uma sessão de alongamentos e com o testemunho pessoal de uma maratonista autodidata como cereja em cima do bolo. Depois das contas feitas, apurou-se o resultado de cerca de 170 bens alimentares angariados, o que, citando o responsável da própria Junta de Freguesia, “foi um sucesso”. 🌿



CHÁ DAS AMIGAS EM QUELUZ

Dulce Mesquita

Diretora do Departamento do Ministério da Mulher

O Departamento do Ministério da Mulher da igreja Adventista do Sétimo Dia de Queluz pensou em oferecer algo especial às mulheres da igreja. Porém, desejávamos que este evento fosse algo maior do que um simples Chá. Queríamos que ele tivesse

também o propósito de atrair os que passavam por perto, de modo que pudessem participar neste convívio. Por isso, pensámos realizar o Chá das Amigas no Parque de Queluz, junto à Natureza e também perto da comunidade. Foi preparado um caderno especial de orações e de agradecimentos, para que todas as participantes pudessem escrever nele os seus pedidos. Foi também preparada uma tenda de oração, onde as irmãs pudessem orar pelos pedidos e agradecimentos escritos nos cadernos. Foi a pensar em cada detalhe que fizemos, para honra e glória de Deus, a decoração e as lembranças. Estas lembranças tiveram a forma de um caderno de oração. Foram igualmente escolhidas Amigas de Oração, para que pudéssemos continuar a orar umas pelas outras. Houve também uma pequena meditação e música cristã.

Tivemos uma experiência muito agradável, pois quando

alguém parava para admirar o que se passava ali, falávamos sobre a nossa Igreja e indicávamos a respetiva morada, convidando as pessoas a visitar-nos. Houve mesmo um caso em que uma senhora que nos observava foi convidada a juntar-se a nós, convite que ela imediatamente aceitou. Para nossa surpresa, ela contou-nos que se sentia triste e só na sua casa, sem amigos, tendo perguntado a Deus o que fazer. Foi então que senti o desejo de ir ao Parque de Queluz, tendo sido surpreendida com o convite que lhe fizemos para se juntar a nós. Orámos com ela e com ela partilhámos o nosso caderno de orações. Ela ficou muito feliz, porque Deus lhe mostrou que tinha amigas e que não estava só. Também nós fomos abençoadas por participarmos neste Chá das Amigas. Esperamos repetir este evento no próximo ano. Que Deus seja honrado, hoje e sempre! 🙏



CHÁ DE AMIGAS NA IGREJA DE LISBOA-GENERAL ROÇADAS

Sara João Fonseca

IASD de Lisboa – General Roçadas

No dia 27 de maio, pelas 15h00, o Ministério da Mulher da igreja Adventista do Sétimo Dia de Lisboa-Roçadas realizou um Chá de

Amigas, um evento singular que contou com a especial presença da psicóloga Isabel Morais como oradora e de um grupo musical feminino Adventista. Este evento teve a particularidade de ser destinado somente a mulheres, sendo que cada mulher Adventista teve como principal e pessoal missão convidar uma amiga não-Adventista.

Todas as convidadas foram carinhosamente recebidas à porta com a entrega de uma lembrança. As boas-vindas foram apre-



sentadas pela coordenadora do Ministério da Mulher, Ana Isabel Vicente, seguindo-se um momento de profunda gratidão a Deus. Depois a oradora Isabel Morais dirigiu a palestra, que teve como tema “Ser Mulher”, a qual se dividiu em duas fases distintas: uma parte mais expositiva com demonstração de vídeos; e outra parte com dinâmicas grupais, onde todas as mulheres foram chamadas a participar com as suas próprias ideias

e os seus testemunhos. O tempo foi igualmente marcado por momentos de louvor através da música, manifestados pela encantadora intervenção de um grupo feminino. A programação foi encerrada com a oferta de Bíblias, livros missionários, folhetos evangelísticos e um delicioso lanche composto por muitas iguarias.

Este evento teve o primordial propósito de reunir mulheres Adventistas e não-Adventistas em agradável convívio, unidas como filhas de Deus, transmitindo a mensagem do que significa ser mulher nos dias de hoje e do que significava essa mesma condição nas diversas épocas bíblicas. Foi uma viagem no tempo e no espaço que se revelou tão interessante quanto desafiante para todas as participantes que se reuniram neste feliz encontro. 🙏



SÁBADO ESPECIAL NA IASD DE SETÚBAL

Guida Batista Esteves
Primeira Anciã da IASD de Setúbal

“Como é importante que só saia dos nossos lábios aquilo que promova vida e força espirituais!” Podemos ler esta citação de Ellen G. White no livro *Caminho a Cristo*. Nesse sentido, aqui estamos, partilhando convosco, mui estimada família espiritual, alguns momentos especiais de gratidão e de alegria. Se

existem manhãs cheias, o sábado, 6 de maio de 2017, foi um exemplo real disso mesmo; um exemplo vivido na igreja de Setúbal, que nos fez sentir muito bem! Nos últimos anos, a nossa comunidade tem sido sacudida por alguns problemas dolorosos, mas sentimos uma gratidão enorme, pois, na dor e nos

desafios gigantescos, as nossas frágeis almas sentem a premente necessidade de se inclinarem e buscarem o Senhor, que nos adverte: “E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar, buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra” (II Crônicas 7:14). Louvamo-l’O, pois tivemos a alegria de ver a consagração de três anciãos, 12 diaconos e diaconisas e seis batismos, sendo um deles um rebatismo, o que nos alegrou de forma muito particular. Nestas três cerimónias participaram pessoas de diferentes géneros, idades e nacionalidades, o que nos fez sentir ainda maior reconhecimento para com o nosso Criador, para Quem não existem barreiras para o serviço e para a entrega plena! 🙌



WORKSHOP DE ALIMENTAÇÃO VEGETARIANA EM PORTIMÃO

Micaela Pereira
IASD de Portimão

Nos dias 13 e 14 de maio, a igreja de Portimão teve um fim de semana especial, com a presença do Ir. Ricardo Rodrigues, que prontamente aceitou o convite de partilhar connosco a sua história. Trouxe-nos o pão da vida no

culto da manhã, deixando como mensagem-chave que “Em Cristo somos mais do que vencedores!” Da parte da tarde, recebemos irmãos vindos de todo o Algarve e o Ir. Ricardo partilhou o seu testemunho. Contou-nos como veio do Hinduísmo para o Cristianismo e como de professor de Ioga passou a ser um discípulo de Cristo. Falou sobre a sua busca por Deus e por um povo que tivesse uma alimentação saudável, revelando como encontrou a Igreja Adventista do Sétimo Dia.



No domingo à tarde, reunimo-nos numa sala do Clube Naval de Portimão para um *workshop* de alimentação 100% vegetariana, saudável e viva. O nosso irmão começou por falar da importância dos oito remédios naturais e explicou cada um deles, partilhando depois receitas simples e naturais que podem fazer a diferença na vida de cada um de nós. Foi explicado como fazer sumos verdes, *smoothies*, leites vegetais, trufas e molhos deliciosos para acompanhar vegetais. Após degustação, na segunda

parte do programa discorreu sobre pré-bióticos e pró-bióticos e sobre doces saudáveis. Este *workshop* foi destinado a membros da Igreja, famílias ajudadas pela ADRA e amigos convidados. Todos gostaram muito e querem voltar.

A iniciativa desta atividade resultou de uma cooperação entre o Departamento de Saúde e Temperança da igreja de Portimão e a ADRA local, que asseguraram as despesas para que a atividade pudesse ser gratuita. Foi um fim de semana muito abençoado e enriquecedor. 🙌



O LIVRO *FOOD AS MEDICINE* GANHA “ÓSCAR” DOS LIVROS DE CULINÁRIA

ANN/RA

O livro *Food As Medicine* (*Os Alimentos como Remédio*), escrito pela nutricionista Adventista Sue Radd, e publicado pela editora Adventista *Signs Publishing*, foi considerado o melhor livro de culinária na categoria “Saúde e Nutrição” de 2016 durante a cerimônia dos prestigiosos Prêmios do

Livro de Culinária do Mundo *Gourmand*, realizada em Yantai, na China, de 26 a 29 de maio de 2017. “Os Prêmios *Gourmand* estão sendo muito cobichados. Foi uma grande surpresa para mim!”, disse a Sr^a Radd, que prepara um Doutorado em Nutrição e Bem-Estar Mental na Universidade de Sidney. O prêmio reconhece que o livro não só é um recurso prático

para ser usado na cozinha, mas também apresenta uma ampla explicação sobre a investigação científica que apoia o padrão alimentar demonstrado nas suas 150 receitas. O prêmio foi entregue por Edouard Cointreau, Presidente do Comitê dos Prêmios *Gourmand*. Desde 1995 que os Prêmios *Gourmand* – considerados os Óscares da culinária – têm sido entregues aos melhores

livros sobre culinária e sobre vinhos. Editoras de mais de 200 países participam nesta competição anual prestigiosa. Não há um prêmio maior do que este no mundo da culinária.

A Sr^a Radd apresenta o seu livro de culinária como mais uma prova de que os Adventistas podem sentir-se orgulhosos da sua história e dos seus conhecimentos sobre saúde e bem-estar. Segundo ela, “a mensagem de saúde nunca foi mais relevante do que hoje. É vital que cada Adventista a conheça e a aplique na sua vida, de modo que também possa ajudar outros a viver uma vida mais feliz e mais saudável”.

De acordo com Nathan Brown, editor da *Signs Publishing*, o prêmio valoriza uma equipa de pessoas que trabalharam em conjunto para produzir um livro que fosse tanto credível, como atrativo. Antes de o livro *Food As Medicine* ter ganhado um dos Prêmios *Gourmand*, ele foi apresentado na Feira do Livro de Frankfurt, na Alemanha, em outubro de 2016, onde atraiu o interesse de Editoras de todo o mundo. ✨

1400 PESSOAS BATIZADAS NUMA CAMPANHA NAS FILIPINAS

ANN/RA

Cerca de 1400 pessoas foram batizadas na ilha de Mindoro, nas Filipinas, no dia 24 de junho, depois da realização de uma inovadora campanha evangelística que envolveu a participação direta da Rádio Mundial Adventista (AWR).

Esta campanha evangelística despertou o interesse pela mensagem Adventista em 15 vilas da região, graças ao envolvimento da AWR. “A AWR nunca teve uma experiência com

tanto sucesso”, disse Duane McKey, Presidente da Rádio Mundial Adventista. O trabalho evangelístico começou em 1 de março, quando nove rádios locais começaram a emitir diariamente três horas de programas produzidos pela AWR em toda a ilha de Mindoro, a sétima maior ilha do arquipélago das Filipinas. No entanto, os programas sobre saúde e estilo de vida geraram pouca resposta da parte do público-alvo, pelo que a AWR decidiu incluir também sermões evangelísticos sobre tópicos can-

dentos, como, por exemplo, o estado dos mortos ou o Sábado. Todas as manhãs era colocada aos ouvintes uma pergunta sobre o sermão do dia anterior e as primeiras cinco pessoas que telefonassem dando a resposta correta recebiam um pequeno rádio ou um exemplar do livro *Aos Pés de Cristo*. Esta mudança de estratégia fez com que as audiências crescessem bastante. A AWR ia pondo em contacto com as igrejas locais os ouvintes que contactavam a Rádio. Os resultados foram animado-

res. Cerca de 1400 pessoas foram batizadas e muitas mais estão a ser preparadas para o batismo. Por exemplo, só na vila de Mangyan batizaram-se o chefe local e 85 dos seus habitantes. Entretanto, outra ilha com cerca de 10 vilas já contactou a AWR para pedir que lhes seja enviado um obreiro bíblico para preparar para o batismo um grande grupo de interessados. Perante estes resultados, a AWR decidiu expandir as suas transmissões e instalar uma presença permanente nas Filipinas. ✨



SEGUNDO CONGRESSO EUROPEU DE SAÚDE

Valérie Dufour

Diretora do Ministério da Saúde da Divisão InterEuropeia (EUD)

Como um incansável servo ao serviço das necessidades dos homens, Jesus passava por cidades e vilas cuidando de cada um, curando os afligidos por enfermidades e testemunhando do amor do Seu Pai. Hoje, para nós, o chamado é o mesmo: confortar o sofredor, minis-

trar ao doente e partilhar a esperança com todos.

O 2º Encontro Europeu sobre Saúde, que terá por tema “Reverter a Doença com a Medicina do Estilo de Vida, Partilhando Saúde, Cura e Esperança”, é uma ocasião única para se ser formado, equipado e capacitado para fazer avançar a missão de Jesus na Europa.

A Medicina do Estilo de Vida – uma ferramenta há

muito conhecida na nossa Igreja – é agora uma disciplina emergente da Medicina. O uso terapêutico de intervenções no estilo de vida tem sido investigado, comprovado, implementado e está a mudar vidas. O Encontro irá lidar com vários tópicos, dos quais destacamos os seguintes: Reverter a obesidade ou a diabetes tipo II, a Medicina do Estilo de Vida na Oncologia, reverter a

progressão da demência, prescrição de exercício, mudança de paradigma na Psiquiatria, mudanças de comportamentos e muitos outros tópicos médicos e espirituais.

Quer seja médico, administrador de instituições ou da Igreja, pastor ou um membro que quer servir a sua comunidade, este evento é para si. Venha juntar-se a nós em Bucareste, de 17 a 21 de abril de 2018! 🌟

Reverter a Doença com a Medicina do Estilo de Vida

Partilhando saúde, cura e esperança



2º Congresso Europeu de Saúde
Bucareste, Roménia | 17 - 21 Abril 2018

SAVE THE DATE!



EVANGELISMO

David Trim e Marye Trim

"O que significa realmente ser Cristão?", perguntou um aluno da Faculdade Missionária Austral em agosto de 1939.¹ Embora esta seja sempre uma pergunta importante, neste momento particular da história ela tinha um significado especial para a juventude Adventista e, na verdade, para o mundo.

Fora da Faculdade o mundo em 1939 encontrava-se num estado de ebulição, pois a Alemanha Nazi tinha acabado de ocupar Praga e estava já de olho na Polónia, enquanto o Japão e a Itália

tinham deixado a Liga das Nações. A saída destas nações era um golpe mortal infligido àquela mal-sucedida Liga, que era considerada pelos evangelistas Adventistas da época como sendo a mistura referida em Daniel 2:43 a propósito dos pés de ferro e de cerâmica. Na Grã-Bretanha, que era ainda chamada "Pátria Mãe" pelos Australianos e Neo-Zelandeses, tinha sido iniciado o alistamento obrigatório, e milhares de crianças judias vindas da Europa

O reavivamento e o Espírito Santo



Central estavam a ser recebidas em lares de acolhimento na sequência da perseguição aos Judeus Alemães. A 2 de agosto, o físico Albert Einstein escrevera ao Presidente americano, Franklin D. Roosevelt, comunicando-lhe que os cientistas tinham descoberto o modo de criar uma reação nuclear em cadeia que podia levar à produção de “bombas extremamente poderosas de um novo tipo”.² Assim, 1939 foi um ano de perguntas sérias, que necessitavam de soluções sérias.

Foi neste ano, na remota, rural e segura Cooranbong, situada no Estado australiano da Nova Gales do Sul, que começou a Semana de Oração anual da Faculdade Missionária Austral, a principal instituição académica terciária da nossa Igreja no Pacífico Sul (que hoje é a Faculdade de Avondale). Para animar este evento, tinha sido escolhido como orador o Pastor Len Minchin, líder da juventude da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Austrália. Dois dias depois de ter começado a Semana de Oração, o Pastor Minchin convidou todos os que quisessem falar ou orar com ele para se encontrarem no Edifício da Música, depois de terminada a reunião. Alguns dos alunos e dos seus amigos aceitaram o convite. O tempo foi passado em boa camaradagem e oração, sendo feitas perguntas que foram respondidas. Às 2:00 horas da manhã o grupo fez a mais importante pergunta: “Per-

mitam-me que fique esclarecido esta noite, antes de ir para a cama. O que realmente significa ser Cristão?” Esta pergunta relançou a discussão e a oração.

Quando chegou o amanhecer, alguns amigos dos alunos, que vinham em busca deles, juntaram-se-lhes. “Está a acontecer algo aqui”, disseram vários alunos. Mais tarde, o Pastor Minchin recordou: “Nunca antes tinha sentido um tal espírito de oração, louvor e entrega.”

Algumas horas depois, nesse dia, o Pastor Minchin contou à assembleia composta pelo corpo docente e pelos alunos o que tinha acontecido na noite anterior. De seguida, ele introduziu um novo tópico: a vida cheia do Espírito. Mas, subitamente, um aluno levantou-se da sua cadeira. “Por favor, desculpem-me”, disse ele, “mas não posso mais ficar calado. Sinto que devo pedir perdão publicamente ao meu professor de teologia”. Ele virou-se para o seu professor e disse: “Senhor, nós tivemos um problema e eu fui imperdoavelmente rude; também espalhei falsos rumores sobre si. Tenho que lhe pedir perdão. Por favor, perdoe-me.”

Depois desta interrupção inusitada seguiu-se o silêncio. Alguns alunos ficaram expectantes, enquanto outros olhavam para o rosto do orador convidado e do presidente da Faculdade, o Pastor A. H. Piper. O silêncio foi quebra-

do quando o professor de teologia se ergueu e se dirigiu ao aluno que tinha falado. “Em grande parte a culpa foi minha – Eu provoquei-te. Filho, eu peço que me concedas o teu perdão.” Ele encaminhou-se na direção do jovem e abraçou-o.

Sem qualquer plano ou ensaio, a reunião seguiu outro rumo, à medida que se formava uma fila de alunos que desejavam ficar junto da plataforma para poderem tomar a palavra. Enquanto os seus testemunhos e as suas confissões continuavam, ultrapassando o tempo normal de duração da reunião, Minchin reparou na hora indicada pelo relógio da capela. Ele disse: “Pastor Piper, está na hora de começarem as aulas. O que fazemos?”

A resposta veio num tom de voz resolutivo. “Irmão Minchin, vamos conceder mais tempo à reunião. Não podemos programar o Espírito Santo.”

Assim, a reunião matinal de quarta-feira continuou até à hora do almoço. De vez em quando um aluno saía da igreja para ir em busca de um amigo que tinha ficado de fora. Eles voltavam então juntos, sendo energizados pela atmosfera poderosa que revelava que o Espírito Santo estava a operar no coração. A Semana de Oração continuou com o mesmo espírito, intensificando-se à medida que os jovens entregavam o seu coração ao Senhor Jesus, confessavam os seus pecados e decidiam seguir a orientação do Espírito Santo na sua vida, de modo que pudessem saber o que significava ser um verdadeiro Cristão.

Este foi o começo do reavivamento de Avondale de 1939, que se espalhou por toda a comunidade da Igreja Adventista no hemisfério austral. Walter Scragg, que veio a ser um teólogo distinguido, Diretor do Departamento de Comunicação da Conferência Geral, pionei-

ro da Rádio Mundial Adventista e presidente da Divisão do Pacífico Sul, recorda o impacto deste reavivamento na sua vida e na vida de outros que pertenciam ao grupo de jovens da sua igreja. Ele escreveu: “O grande reavivamento que percorreu o Adventismo em 1939 [...] encontrou-me, quando eu era apenas um rapaz, na reunião campal da Tasmânia desse ano. Na sequência daquele extraordinário evento inspirado pelo Espírito Santo, entreguei o meu coração ao Senhor e fui batizado. Toda uma geração de jovens [...] sentiu a influência do reavivamento.”³

Que interesse tem esta história? Afinal, têm havido outros reavivamentos na história do Adventismo – e haverá mais no futuro. O reavivamento australiano de 1939 teve um significado mais amplo, porque, pouco depois daquela Semana de Oração, a 3 de setembro de 1939, começou a II Guerra Mundial. Chegava agora a hora do desafio, especialmente para os jovens de Avondale. Agora eles tinham de decidir qual a sua posição pessoal, enquanto Cristãos, face à guerra – foram necessárias coragem e convicção para recusar empunhar armas. O Pastor Piper e o corpo docente da Faculdade acreditavam que o Espírito Santo tinha visitado a Faculdade naquela semana de agosto de 1939 para preparar e fortalecer os jovens Adventistas para os desafios que estavam diante deles.

No entanto, não se pode dizer que este reavivamento mudou o curso da história Adventista. Assim, porque deveríamos salientá-lo? Primeiro, para defender a tese de que, mesmo se um reavivamento não transforma completamente a Igreja Adventista mundial, ele não deixa de ser importante. Como escreveu Ellen G. White, em 1887: “Um reavivamento da

verdadeira piedade entre nós é a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades.”⁴ Isto era verdade então, é verdade agora e será sempre verdade, até que aconteça o derramamento da chuva serôdia. A Igreja Remanescente precisará sempre de reavivamentos, porque cada Cristão precisa constantemente de ser novamente moldado e vivificado pelo poder do Espírito Santo.

E isto leva à segunda razão que justifica que contemos esta história – chamar a atenção para as palavras pronunciadas por A. H. Piper. Sendo o primeiro australiano a servir como missionário no

estrangeiro, Piper tinha enterrado a sua esposa no campo missionário. Ele tinha tido Ellen G. White como mentora quando era jovem. Era um homem de grande espiritualidade e inteligência, e as palavras que dirigiu ao Pastor Minchin são profundas: “Não podemos programar o Espírito Santo.”

Todos nós necessitamos de reavivamento: isto é tão verdade hoje como era em 1939. Mas, de onde procede o reavivamento? Em 1902, Ellen G. White escreveu: “Deve ocorrer um reavivamento e uma reforma, sob a ação ministrante do Espírito Santo. Reavivamento e reforma são duas coisas



UM REAVIVAMENTO DA VERDADEIRA PIEDADE NÃO É A MAIOR E A MAIS URGENTE DAS NECESSIDADES DA IGREJA – É A MAIOR E A MAIS URGENTE DAS MINHAS NECESSIDADES.

diferentes. Reavivamento significa um renovar da vida espiritual, um reavivar dos poderes da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança de ideias e teorias, hábitos e práticas.” No entanto, a reforma “não produzirá o bom fruto da justiça *a não ser* que esteja ligada com o reavivamento do Espírito”.⁵

A raiz do verdadeiro reavivamento encontra-se na ação do Espírito Santo. Ele usa os homens e as mulheres de profunda e autêntica espiritualidade – pregadores poderosos, escritores talentosos, músicos dotados e outros – para levar-nos a refletir na nossa vida e a querer rejuvenescer a nossa relação com Jesus. Mas, em último caso, um verdadeiro reavivamento não pode ser produzido pelos esforços humanos.

A iniciativa oficial “Reavivamento e Reforma” da Igreja Adventista do Sétimo Dia é importante, mas considerada apenas em si mesma estaria destinada a desapontar – se for apenas um programa da Conferência Geral, está destinado a falhar. Porquê? Porque “o Espírito não pode ser programado”. Os líderes da Igreja podem e devem dar espaço para a operação do Espírito e lembrar as pessoas da contínua necessidade de serem espiritualmente revitalizadas e revivificadas.

É por isso que a iniciativa “Reavivamento e Reforma” da Igreja parece ser louvável e é, de facto, essen-

cial. Mas, ao fim e ao cabo, cada líder da Igreja, como cada membro da Igreja, devem dizer: “O Espírito Santo não vem como algo que eu ajudo outros Adventistas do Sétimo Dia a encontrar – *eu próprio* preciso do Espírito Santo.” E cada membro de Igreja pode dizer, com o apóstolo Paulo: “Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (I Tim. 1:15). Não que eu precise de convencer outros – eu mesmo devo ser convencido.

Parafaseando Ellen G. White: Um reavivamento da verdadeira piedade *não* é a maior e a mais urgente das necessidades da Igreja – é a maior e a mais urgente das *minhas* necessidades. Quando o Espírito trabalha em nós, há uma forte possibilidade de que outras pessoas ouçam e vejam algo naquilo que fazem e dizem os obreiros da Igreja e os membros da Igreja, e isso pode, por sua vez, abrir essas pessoas à operação do Espírito Santo. Além do mais, a verdadeira piedade é mais do que oração e estudo da Bíblia, embora estas sejam as suas pré-condições necessárias.

Enquanto o “reavivamento” no pensamento de Ellen G. White é a renovação interior, a “reforma”, que ela associa repetidamente ao reavivamento, deve ter impacto no mundo real: Ela deve (nas palavras citadas acima) “produzir bom fruto”. A. H. Piper teria certamente concordado com isto, pois ele ensinou aos seus alunos o que tinha aprendido com a sua mentora profética: o reavivamento deve levar os crentes a servir, quer na Igreja, quer na comunidade local ou no mundo.⁶ Porque o reavivamento e a reforma são frutos gêmeos do Espírito, a maior das “*minhas* necessidades” é dupla: *Tanto* experimentar uma renovação espiritual

peçoal, *como*, em resultado disso, empenhar-me no serviço.

Finalmente, quando vemos o Espírito trabalhar, interior ou exteriormente, precisamos de ser suficientemente humildes para reconhecer o Espírito, sermos gratos por Ele e, depois, cancelar as aulas,⁷ cancelar os comités, cancelar a nossa programação agendada e deixar o Espírito operar em todas estas coisas, segundo a Sua vontade.⁸

Ellen G. White pergunta: “Temos esperança de ver toda a Igreja reavivada?” Ela responde: “Tal tempo nunca há de vir.”⁹ Um reavivamento não precisa de mudar toda a Igreja, à volta do mundo, para ser um sucesso aos olhos de Deus. Ele tem apenas de mudar uma vida: a minha! ✨

David Trim e Marye Trim

Diretor do Departamento de Arquivos e Estatísticas da Conferência Geral. Missionária reformada.

Retirado da revista *Ministry* de fevereiro de 2017.

1. Este artigo baseia-se em entrevistas com antigos alunos e professores da Faculdade Missionária Austral (hoje, a Faculdade de Avondale) realizadas por Marye Trim, que estudou na Faculdade pouco depois de ter ocorrido o reavivamento descrito neste artigo.

2. Carta de Einstein para Roosevelt, 2 de agosto, 1939, *American Experience*, www.pbs.org/wgbh/americanexperience/features/primary-resources/truman-ein39/.

3. Carta de Scragg para Marye Trim, 1982, citada em Marye Trim, *Courage in the Lord: The Story of Albert Henry Piper* (Sydney: Department of Education, South Pacific Division, 2004), p. 34, nota 10.

4. Ellen G. White, “The Church’s Great Need”, *Review and Herald*, 2 março, 1887, p. 177.

5. Ellen G. White, “The Need of a Revival and a Reformation”, *Review and Herald*, 25 de fevereiro, 1902, p. 113 (ênfase acrescentada).

6. Veja Marye Trim, *Courage in the Lord*.

7. “Quando o Espírito parecia estar a lutar com os jovens, acaso disseram: ‘Ponhamos todo o estudo de parte; pois é evidente que temos entre nós um Hóspede celeste. Louvemos e honremos Deus? [...] Quando o Espírito Santo manifesta a Sua presença na vossa sala de aula, digam aos alunos: ‘O Senhor dá a entender que temos hoje para nós uma lição de importância celeste, lição mais valiosa do que a que temos nos ramos comuns de ensino. Escutemos; curvemo-nos perante Deus e busquemo-l’O de todo o coração.’ – Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pp. 327 e 328.

8. Compare I Coríntios 12:11.

9. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 122.

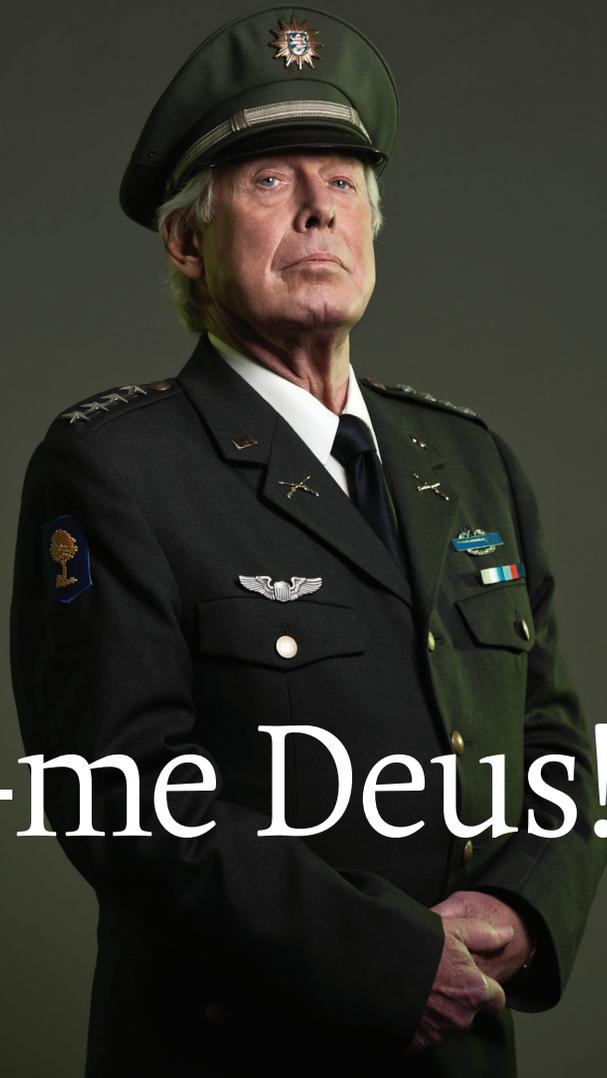
Até àquela manhã fria de segunda-feira, em Vazdin, Croácia, a minha vida como soldado Adventista do Sétimo Dia no exército comunista tinha decorrido suavemente e sem qualquer desafio. Mas as coisas mudaram naquele dia de primavera de 1979. “Deves ter feito algo terrivelmente mau, Jovan”, disse-me o Capitão. “Eu não sei de que se trata, mas em breve descobriremos. O Major General quer que te apresentes imediatamente no seu escritório.” Todos os soldados sabiam o que isso significava, especialmente para alguém como eu, que, em vez de me apresentar ao serviço ao Sábado, adorava ilegalmente na igreja Adventista local.

Fala o General

No escritório do General fiquei espantado ao ver a minha Bíblia na sua secretária. Estava aberta em Génesis 1. O General sorriu e falou brandamente: “Pelo que vejo no teu registo, percebo que és um jovem perspicaz e inteligente. ... Estou curioso por saber até que ponto foste infetado e danificado pelo vírus religioso.” Ele continuou: “Na escola ensinaram-te a explicação Darwiniana sobre a origem da vida e sobre os processos que deram existência aos seres humanos no decurso de milhões de anos. Por outro lado, o teu livro diz que Deus criou o Homem a partir do pó num instante. Em que acreditas, solda-

“ENQUANTO HOMEM INSTRUÍDO E RACIONAL, ACREDITAS QUE UMA SERPENTE CONVERSOU COM UMA MULHER E UMA BURRA FALOU COM UM HOMEM, O SOL PAROU, A ÁGUA SE TRANSFORMOU EM VINHO, E PESSOAS MORTAS, DEPOIS DO SEU FUNERAL, VOLTARAM A ANDAR?”

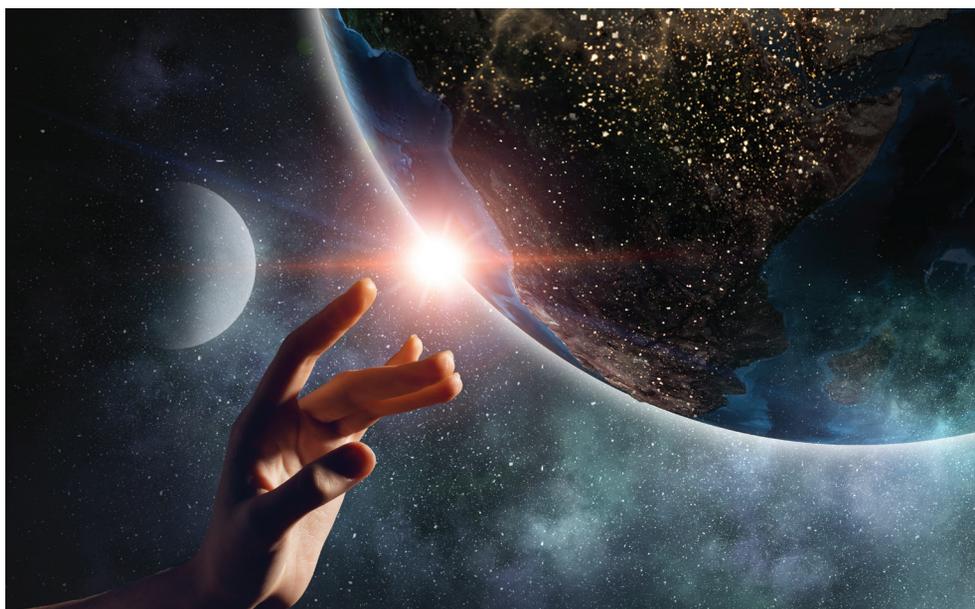
“Mostra-me Deus!”



do? Nos factos científicos sobre a nossa origem ou nas antigas fábulas do teu livro?” “Eu acredito no que a Bíblia diz, meu General”, respondi. O General fechou a Bíblia. Olhando-me nos olhos, perguntou: “Enquanto homem instruído e racional, acreditas que uma serpente conversou com uma mulher e uma burra falou com um homem, o Sol parou, a água se transformou em vinho, e pessoas mortas, depois do seu funeral, voltaram a andar?” Eu não hesitei: “A Bíblia é a Palavra de Deus, meu General, pelo que eu acredito que esses milagres aconteceram.” Erguendo-se lentamente da sua cadeira, ele levantou um punho na minha direção e gritou: “Estás louco, doido; estás fora de ti; como é que podes acreditar em tais tolices? Tu és perigoso; sai imediatamente do meu escritório!”

Um mundo sem Deus

Desde essa data, há mais de 30 anos, tenho testemunhado a centenas de ateus e tenho também aprendido com eles. Alguns tornaram-se amigos chegados. Frequentemente tenho-lhes pedido que façam uma rápida experiência imaginária: imaginem o mundo sem Deus. Não haveria Deus para dar significado e propósito à nossa vida, não haveria a esperança da ressurreição, não haveria a promessa do Céu e não haveria vida após a morte. Fecharíamos todas as igrejas, sinagogas mesquitas e templos e denunciaríamos a Bíblia e outra literatura sagrada como sendo mera invenção de mentes primitivas. De que modo nós, tendo-nos visto livres de Deus, viveríamos uma vida com significado e propósito num vasto Universo sem propósito algum? Um Universo sem Deus suscita algumas perguntas desesperadas:



De onde poderia vir o significado da vida, se formos meros subprodutos de forças naturais cegas (“Porque o nosso número surgiu num jogo de Monte Carlo”, como disse o biólogo ateu Jacques Monod)?¹

Se tudo é uma mera coleção de átomos, então os seres humanos não se distinguem em género de outras formas de vida ou da matéria sem vida. Mas, se isto é assim, como podem os seres humanos pretender ter um valor único e direitos especiais? Segundo Stephen Hawking, “a raça humana é apenas uma espuma química num Planeta de tamanho mediano”.² Então porque deveriam ser as chacinas de Auschwitz e do Ruanda mais repreensíveis do que matar com inseticida um enxame de mosquitos?

Além do mais, se a lotaria da vida é ganha pelo mais apto e se mesmo este acaba numa sepultura, porque faria qualquer diferença termos vivido como o ditador Estaline ou como a Santa Teresa de Calcutá? Será que cuidar dos doentes, dos pobres e dos inválidos é um obstáculo à sobrevivência da nossa espécie?

Nenhum argumento prova a existência de Deus com uma certeza matemática. Não há qualquer argumento perfeito que silencie todos os céticos. Permanecem perguntas sem resposta. Mas eu defendo que o Deus do Cristianismo é a melhor explicação para os mistérios que nos rodeiam, mistérios que não podem ser explicados de qualquer forma naturalista. Estes mistérios apontam-nos a existência de Deus, o Criador do Universo e o Salvador da Humanidade.

Algo em vez de nada

Durante anos os ateus, filósofos e cientistas seculares ridicularizaram o testemunho bíblico de que o Universo tinha tido um começo causado por Deus. Para eles o Universo “estava simplesmente aí”, sem começo, de idade infinita, o que os libertava da responsabilidade de explicar a sua causa primeira – até que uma série de descobertas astronómicas no começo do século XX veio perturbar a sua paz de espírito.

As novas descobertas impuham a conclusão de que a matéria, o espaço e o tempo tinham

tido um começo. É evidente que algo fora do tempo e do espaço foi a causa da vinda à existência do Universo. O astrónomo agnóstico Robert Jastrow ilustrou isto ao dizer que “o Universo recebeu corda como um relógio nesse momento, e tudo o que aconteceu desde então tem sido o resultado disso”.³

Hoje nenhum cientista reputado contesta que o Universo teve um começo. Ainda assim, a maioria deles rejeita as implicações desse facto. Arno Penzias, Prémio Nobel da Física, declarou com ousadia: “Os melhores dados que temos são exatamente o que eu teria predito, caso não tivesse mais nenhuma informação para além dos cinco livros de Moisés, dos Salmos e da Bíblia como um todo.”⁴

O modo como as coisas são

O Universo exhibe um grau extraordinário de afinação matemática. Ele opera a partir de valores numéricos muito específicos. Os Cosmólogos dizem-nos que as forças fundamentais do Universo devem estar afinadas com extrema precisão para que a vida ocorra nele. O físico ateu Lee Smolin ilustra isto do seguinte modo: Imagine que Deus está sentado a uma grande secretária cósmica em que estão embutidos centenas de diferentes mostradores, cada um deles representando uma constante numérica, que indica um determinado número fixo com uma precisão extrema. O que ocorreria, se um cientista, quando Deus não estivesse a ver, fizesse alguma alteração nos mostradores? O que aconteceria, se a luz passasse a viajar a 321 000 quilómetros por segundo em vez de apenas a 299 000? O que aconteceria, se os valores do Universo fossem ligeiramente

diferentes? Smolin defende que, se se modificasse um dos valores, aumentado-o ou diminuindo-o, não por 10 ou 20 por cento, mas por uma parte numa centena de milhares de milhões de milhões, não haveria Universo e não haveria vida.⁵

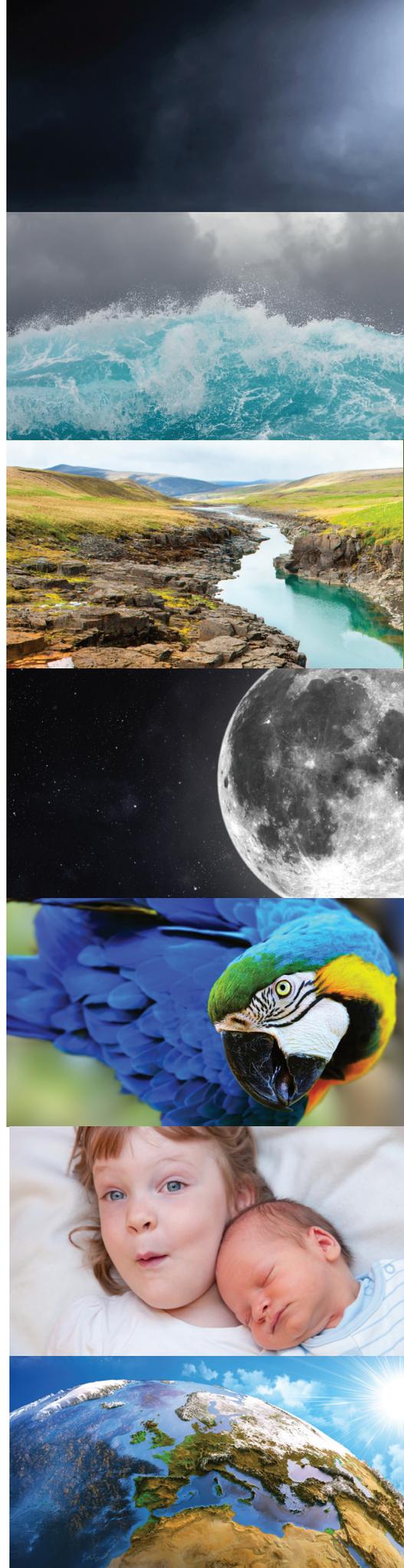
O Universo afinado com precisão é perturbador para os ateus. Eles não o podem negar, no entanto recusam-se a seguir as provas racionais que os levariam a aceitar a existência do Deus do Cristianismo. Alguns preferem a teoria dos Universos múltiplos. Havendo muitos Universos semelhantes ao nosso, argumentam eles, é estatisticamente evidente que um deles poderia ser capaz de receber a vida. No entanto, eles evitam a questão sobre o modo como a vida inteligente surgiu por a considerarem uma questão sem sentido e especulativa.

“Porquê?” é uma pergunta irracional?

Tendo em conta as probabilidades contra a existência da vida no Universo tal como a observamos, será realmente sem sentido perguntarmos por que razão existimos?

Imagine esta cena:⁶ Um soldado é capturado por forças inimigas. A sua sentença é célere – execução por fuzilamento. Ele é amarrado a um poste e é colocada uma marca no seu peito, indicando o coração. Mil soldados são designados para o alvejarem a uma distância de 15 metros. Mil espingardas são apontadas ao seu coração, e todas são disparadas ao mesmo tempo. Todos os mil soldados falham o alvo.

É lógico que este soldado condenado a ser fuzilado se interrogue sobre a razão de tal ter





acontecido. Será que ele não se interrogaria sobre se teria ocorrido uma falha mecânica nas 1000 espingardas? Ou se os 1000 pares de mãos dos atiradores teriam tremido? Ou se teria intervindo algo de misterioso e sobrenatural para preservar a sua vida? Estas interrogações seriam perfeitamente naturais.

No entanto, as probabilidades de não haver vida no Universo são um bilhão de vezes maiores do que 1000 soldados falharem o seu alvo a 15 metros. Não existe uma explicação natural para a existência da vida. Os Cristãos creem que a vida, com o seu delicado equilíbrio, nos indica a existência de um amoroso e solícito Criador que foi cuidadoso em conceber o Universo de tal forma que pudesse ser habitado por si e por mim.

O mistério dos valores morais objetivos

O grande filósofo australiano John Mackie reafirmou a grande tese do ateísmo: “Não há valores objetivos.”⁷ E os Cristãos concordam que, se Deus não existir, não há valores morais objetivos.

Mas, se isto é assim, para que padrão moral apelam os ateus quando aprovam certos atos como bons e condenam outros como maus? Se o ateísmo é verdadeiro, com que base consideramos os atos repugnantes de Hitler e os atos nobres da Madre Teresa de Calcutá?

A filosofia atea vê a moralidade como sendo simplesmente uma ajuda para a sobrevivência, como as mãos, os pés e os dentes. O destacado evolucionista Michael Ruse confirma: “O nosso senso de moralidade é uma adaptação. ... Isto não significa dizer que aquilo que evoluiu é

moralmente bom.”⁸ Por outras palavras, as nossas ações não são inerentemente morais ou imorais, boas ou más, mas neutras, promovendo ou dificultando a nossa sobrevivência.

Mas poderia um ateu viver com a noção de que o incesto, a pedofilia, o rapto e a escravatura são moralmente neutros? Os ateus evitam cometer estes atos simplesmente por razões de sobrevivência? Será que eles prefeririam violar, assassinar, torturar crianças e maltratar idosos, se tal promovesse a sua sobrevivência? E se eles se indignam perante tal pensamento, que código moral objetivo inspira a sua repugnância?

Para além disto, como é que eles explicam os comportamentos morais que entram em conflito com a promoção da sobrevivência? Porque nos deveríamos preocupar com pessoas que têm uma deficiência mental, são doentes crónicos, são senis, são criminosos endurecidos, etc.? Nós sabemos que cuidar deles não traz vantagens para a nossa sobrevivência. Se o dogma evolucionista é verdadeiro, porque não “eutanasiá-los, de modo que eles não prejudiquem o processo evolutivo”?⁹

Para além disto, nada na filosofia evolutiva me diz para arriscar a minha vida de modo a ajudar um desconhecido que posso nunca mais tornar a ver. O modelo evolucionista, quando é seguido na sua lógica, converte Oskar Schindler num tolo por ter arriscado a sua vida para salvar mais de 1000 Judeus das mãos dos Nazis. No entanto, será difícil encontrar um ateu que não fique profundamente comovido por tal altruísmo, ainda que seja incapaz de explicar o fundamento para a compaixão de Schindler.



A resposta do Cristianismo

A moralidade baseada na Bíblia está estreitamente ligada à noção de que os seres humanos são criaturas especiais dotadas de um valor intrínseco. A imagem de Deus torna-nos diferentes de outras formas de vida inferiores. Podemos ser geneticamente semelhantes aos animais, mas somos seres de um tipo diferente. Não consideramos um leão moralmente culpado por matar uma zebra, mas consideramos os seres humanos responsáveis quando maltratam outros seres humanos. Deus concedeu aos seres humanos uma bússola moral que os ajuda a diferenciar o bem do mal, o amor do ódio, a justiça da injustiça, uma ação moral de uma ação imoral (Rom. 2:14 e 15; 12:3). O ponto de referência da moralidade para que apelam tanto os ateus como os Cristãos, isto é, a consciência

moral da Humanidade, não pode ser explicada de um modo naturalista; ora, ela é um claro indicador para a existência de Deus, o Legislador da lei moral.

A fé cristã é racionalmente consistente e está baseada na realidade. Também é testável e falsificável. Responde a muitos dos enigmas da vida. Assenta na ressurreição de Jesus, um testemunho que mais nenhuma religião ou filosofia pode apresentar.

E o Cristianismo não é apenas verdadeiro, também é relevante. Não me deixa como um órfão cósmico, um mero animal sem destino. Eu pertenço à família de Deus. A cruz de Jesus indica o meu valor. Eu tenho valor eterno. A minha vida tem significado e propósito e o meu futuro está pleno de esperança. Concluindo com C. S. Lewis: “Eu creio no Cristianismo da mesma forma que creio que o Sol se

ergueu: não apenas porque o vejo, mas também porque por meio dele eu vejo tudo o mais.”¹⁰ ✨

Jovan Iljev
Pastor.

Retirado da *Adventist Review*
de 11 de julho de 2013.

1. John Blanchard, *Does God Believe in Atheists?* (Evangelical Press, 2000), p. 363.
2. David Deutsch, *The Fabric of Reality: The Science of Parallel Universes – and Its Implications* (New York: Viking, 1997), pp. 177 e 178.
3. Robert Jastrow, *God and the Astronomer* (New York: W. W. Norton and Co., 1978), p. 113.
4. Malcolm Browne, “Clues to the Universe’s Origin Expected”, *New York Times*, 12 de março de 1978.
5. De um debate entre Dinesh D’Souza e Dan Baker, disponível online em www.youtube.com/watch?v=exuaBSd74xU.
6. A parábola é adaptada e modificada do artigo de John Leslie, “Anthropic Principle, World Ensemble, Design”, *American Philosophical Quarterly* 19 (1982), p. 150.
7. John Mackie, *Ethics: Inventing Right and Wrong* (London: Penguin Books, 1977), p. 15.
8. Michael Ruse, *The Darwinian Paradigm* (London: Routledge, 1989), p. 12.
9. John R. W. Stott, *Issues Facing Christians Today*, 4th ed. (Grand Rapids: Zondervan, 2006), p. 18.
10. C. S. Lewis, *The Weight of Glory and Other Addresses* (New York: Harper One, 1980), p. 140.

“Eu não gosto do Apocalipse porque nele aparecem muitos monstros”, disse-me recentemente uma amiga. “Porque está o trono de Deus rodeado por monstros?” “Monstros?”, pensei comigo mesma. Eu nunca tinha pensado sobre o Apocalipse desse ponto de vista. Por que razão tinha ela essa impressão?

A existência de criaturas míticas e de bestas lendárias tem sido, desde sempre, uma parte importante das histórias fantásticas contadas por diferentes culturas. As mais recentes séries de televisão e os atuais filmes de *Hollywood* estão cheios de monstros

míticos provenientes da imaginação de escritores, a maior parte dos quais foi inspirada pelas histórias daquelas culturas antigas.

Deus ilustra a Sua mensagem profética com símbolos ou usando uma linguagem familiar àqueles a quem Ele Se

dirige, especialmente nos livros de Daniel e de Apocalipse, onde aparecem as descrições de bestas e monstros. Mas será que há realmente monstros que rodeiam o trono de Deus?

Animais, não monstros

Apocalipse 4:1-8:1 descreve certas atividades realizadas no santuário celestial, perante o trono de Deus, com todos os agentes ao serviço do Bem envolvidos na salvação da Humanidade. Entre estes agentes ao serviço do Bem contam-se aqueles que são descritos como sendo “os quatro animais”.

Esta cena não deve ser confundida com aquela que se encontra

O quarteto de Deus – Os “quatro animais” do Apocalipse



em Apocalipse 11:18-14:20, que também começa com uma descrição das atividades do santuário, mas apresenta seres completamente diferentes. Os seres descritos são dois dos três sinais. O primeiro, uma mulher vestida como o Sol, é apresentada em Apocalipse 12:1 e 2, e o segundo, um dragão com sete cabeças, é introduzido em Apocalipse 12:3 e 4. Depois de estes dois sinais interagirem, os agentes ao serviço do Mal aparecem sob a forma de terríveis bestas simbólicas que são adversárias de Deus e causam a ruína da Humanidade.

Enquanto as bestas de Apocalipse 11-14 são descritas como sendo inimigas de Deus, os “quatro animais” são vistos ao redor do Seu trono (Apocalipse 4:6-8). Eles são aliados de Deus, e um olhar mais atento revela que não são monstros. Em algumas traduções mais antigas, o termo “besta” é usado para descrever estes seres, mas, no original grego, eles são chamados “animais”. Isto significa que eles não têm a aparên-

cia terrível que a palavra “besta” implica. Esse termo é reservado para designar os agentes ao serviço do Mal em Apocalipse 13 e 14, que não têm o privilégio de estar junto do trono do Pai.

Os quatro animais, embora tenham uma aparência pouco usual, não devem ser vistos como sendo monstruosos ou feios. O apóstolo João descobriu que não podia descrever adequadamente estas criaturas majestosas, cuja aparência ele nunca tinha visto. O seu vocabulário estava limitado pela inteligência humana e mesmo que ele compreendesse a língua do Céu, esta seria também incompreensível para os seus leitores.

De modo a comunicar o que viu, João apoiou-se em metáforas, o que resultou no uso abundante da expressão “semelhante a” nas suas descrições. Não era intenção de João incutir medo ao mencionar estas criaturas. Ele queria apenas descrever outros seres que servem Deus e a Sua Criação. Estes seres tornam-nos mais cien-

tes da diversidade das criaturas criadas por Deus.

O retrato destes quatro animais é interessante, mas o seu propósito é mais importante. Uma breve pesquisa no Apocalipse revelará mais acerca do que eles fazem.

O significado por detrás das criaturas

O significado destes quatro animais tem sido objeto de grande discussão. Alguns sugerem que a primeira criatura simboliza a Igreja redimida e a última representa toda a Criação animada que rodeia o trono, louvando o Todo-Poderoso. Outros argumentam que estas criaturas são as mesmas descritas em Ezequiel 1, com algumas pequenas diferenças.¹ Este último argumento tem mais peso, dado que João e Ezequiel usam características semelhantes para descreverem as criaturas que viram.²

A expressão coletiva “quatro animais” aparece em muitos capítulos do Apocalipse,³ mas estas criaturas também aparecem no registo bíblico agindo individualmente.



Termos que apresentam os animais de Apocalipse 4:7

O primeiro animal. O primeiro animal é como um leão e tem uma voz semelhante ao trovão (Apocalipse 6:1). Esta criatura participa na abertura do primeiro selo (v. 1). Embora a criatura seja classificada como sendo “um” dos animais, em vez de ser chamada a “primeira” criatura, é fácil de ver que ela é a primeira na sequência. A mesma expressão é usada para descrever o ser que entrega as taças cheias da ira de Deus aos sete anjos (Apocalipse 15:7).

Esta criatura dá início a duas sequências: (1) a descrição dos eventos na cena dos selos que desencadeiam o juízo de Deus; e (2) o início da execução do juízo na cena das taças cheias da ira de Deus.

O segundo e o terceiro animais. O segundo e o terceiro animais apenas aparecem na cena de abertura dos segundo e terceiro selos. Não há outra descrição destas criaturas no resto do livro de Apocalipse.

O quarto animal. O quarto animal é descrito como “uma águia voando” (Apocalipse 4:7). Ele é mencionado em quarto lugar e anuncia a abertura do quarto selo (Apocalipse 6:7). Na cena das trombetas, ele aparece antes do soar das três últimas trombetas e é identificado como sendo uma águia, em vez de ser identificado pelo cardinal correspondente (Apocalipse 8:13, ARA e DB). A expressão no grego original é a mesma que é usada para descrever esta criatura em Apocalipse 4:7.

Devido à variedade de interpretações nos manuscritos gregos, as Bíblias em português têm diferentes traduções de Apocalipse 8:13. Por essa razão não tinha sido possível identificar o quarto animal como águia nas anteriores traduções, porque os manuscritos mais recentes dizem “um anjo

voando” em vez de dizerem “uma águia voando”. As traduções mais recentes da Bíblia refletem melhor a tradução que corresponde ao texto dos manuscritos mais antigos (“uma águia voando”). Esta referência a uma águia voando em Apocalipse 8:13 permite-nos relacionar esta criatura com o quarto animal de Apocalipse 4:7.

É interessante que João menciona o quarto animal de um modo mais formal, usando a sua aparência em vez de usar o seu número cardinal. Na visão, Deus enfatiza a aparência deste animal para o diferenciar das outras criaturas. Porquê? Uma boa razão é o facto de a águia ser um dos inimigos naturais da serpente.

A águia é um dom de Deus. A mulher recebe as duas asas da grande águia. Deus deu à mulher o poderoso serviço do quarto animal, de modo a ajudar o Remanescente a proteger a Palavra de Deus. Esta é uma referência ao quarto animal, não a Deus. Alguns creem que tal passagem – que menciona as asas da águia – se refere a Deus e indicam a passagem de Êxodo 19:4. Mas parece ser mais provável que se trate de uma referência a uma criatura criada por Deus – como é o caso do quarto animal – que está ao serviço de Deus no Plano da Salvação.

Propósito divino

Os animais que rodeiam o trono de Deus são agentes ao serviço do Bem diretamente envolvidos no governo divino. Não são monstros ou bestas, mas criaturas vivas criadas por Deus, que cooperam com Ele no Seu plano para a salvação da Humanidade.

Os quatro animais estão junto ao trono de Deus e agem como mensageiros na luta entre o Bem e o Mal. São responsáveis por avisarem a Humanidade acerca dos terríveis eventos que ocorrerão e,

O APOCALIPSE MOSTRA QUE DEUS USA TODOS OS RECURSOS AO SEU DISPOR NO SEU PLANO PARA SALVAR A HUMANIDADE.

em alguns casos, vão até ao ponto de nos guardar do perigo.

Os quatro animais aparecem em três cenas do Apocalipse (os selos, as trombetas e os sinais), as quais estão ligadas a acontecimentos terríveis. São momentos de extrema perseguição ao povo fiel de Deus. A partir da última cena em que aparece o quarto animal (Apocalipse 12:14) podemos deduzir que os seus deveres vão para além de apenas anunciar ou descrever eventos. Ele protege os fiéis durante momentos de grande perseguição.

O Apocalipse mostra que Deus usa todos os recursos ao Seu dispor no Seu plano para salvar a Humanidade. Ele próprio toma parte nesse plano, através do Seu Filho e do Espírito Santo, mas Ele também envolve muitos outros seres especiais criados por Si para desempenharem um papel ativo na redenção dos Seus filhos terrestres. Portanto, os quatro animais nunca devem ser vistos como monstros, porque eles são símbolo do amor e do cuidado imortais de Deus pela Humanidade. ✨

Silvia Scholtus
Teóloga.

Retirado da *Adventist Review*
de 11 de setembro de 2014.

1. B. W. Johnson, *The People's New Testament* (St. Louis: Christian Pub. Co., 1891).

2. Cf. Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ* (Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 2002), p. 186. Alberto R. Treyer, *El Día de la Expiación y la Purificación del Santuario* (Buenos Aires: ACES, 1988), pp. 480 e 481.

3. Veja Apocalipse 4:6, 8; 5:6, 8, 14; 6:1, 6; 7:11; 14:3; 19:4.



*Aprofunde o seu
conhecimento da Bíblia com o*
“COMENTÁRIO BÍBLICO”.



35€
CADA EXEMPLAR

LIGUE **21 962 62 00** | LIVRARIA DA SUA IGREJA
COMPRA ONLINE WWW.PUBLICADORA-SERVIR.PT